

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA  
LICENCIATURA EM DANÇA

**Rafaela Carangache Kijner**

**AÇÕES ARTÍSTICAS, CONEXÕES DIGITAIS E REFLEXÕES INCLUSIVAS:  
O PROCESSO DE IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO “RODACADE” NO  
CONTEXTO DE ISOLAMENTO SOCIAL**

Porto Alegre

2021

**Rafaela Carangache Kijner**

**AÇÕES ARTÍSTICAS, CONEXÕES DIGITAIS E REFLEXÕES INCLUSIVAS:  
O PROCESSO DE IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO "RODACADE" NO  
CONTEXTO DE ISOLAMENTO SOCIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Dança da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para a obtenção do Grau de Licenciado em Dança.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Pizarro Noronha

PORTO ALEGRE

2021

**Rafaela Carangache Kijner**

**AÇÕES ARTÍSTICAS, CONEXÕES DIGITAIS E REFLEXÕES INCLUSIVAS:  
O PROCESSO DE IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO "RODACADE" NO  
CONTEXTO DE ISOLAMENTO SOCIAL**

Conceito final:

Aprovado em: .....de.....de.....

**BANCA EXAMINADORA**

---

Dra. Flávia Pilla do Valle

Dedico este trabalho a todos os profissionais da arte e educação que, durante a pandemia, enfrentaram um processo extremamente delicado e desafiador de reinvenção. Agradeço por todo o esforço para manter pulsante a chama de esperança que tornou possível enfrentar esse momento. Certamente, muito aprenderemos com essa experiência.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço aos meus pais pelo carinho e apoio imensuráveis. Eles são os maiores apoiadores na minha jornada nos caminhos da dança e educação, me defendendo de quem questiona as minhas escolhas profissionais e me incentivando a sempre correr atrás do que eu acredito. Em seguida, agradeço a minha irmã, a qual sempre foi um porto seguro, compartilhando medos, desejos, inseguranças e sonhos.

Agradeço também ao meu professor, diretor e orientador Márcio Pizarro Noronha, que me presenteou com a oportunidade incrível de fazer parte do seu Projeto de Extensão e sempre acreditou na minha forma de educar e enxergar o mundo da arte. Desde o início, ele me proporcionou grande liberdade para me expressar e construir de forma conjunta. Sem ele, o projeto e o artigo não seriam possíveis.

Além disso, não posso deixar de agradecer aos integrantes do projeto RODACADE, por me receberem de braços abertos no projeto e permitirem que pudéssemos construir um processo tão lindo e significativo, mesmo em um período de tantos medos e inseguranças. Obrigada pelo carinho e trocas diárias.

Por fim, agradeço a todos os meus professores do curso de Licenciatura em Dança da UFRGS e aos mestres que contribuíram para a minha formação. Vocês me inspiram e me fazem acreditar na profissão que eu escolhi. Obrigada, com todo o meu coração, por proporcionarem todos esses anos de dedicação, estudo e experiências únicas.

## O Dia Em Que a Terra Parou

Essa noite, eu tive um sonho de sonhador  
Maluco que sou, eu sonhei  
Com o dia em que a Terra parou  
Com o dia em que a Terra parou

Foi assim  
No dia em que todas as pessoas  
Do planeta inteiro  
Resolveram que ninguém ia sair de casa  
Como que se fosse combinado em todo  
O planeta  
Naquele dia, ninguém saiu de casa, ninguém

O empregado não saiu pro seu trabalho  
Pois sabia que o patrão também não tava lá  
Dona de casa não saiu pra comprar pão  
Pois sabia que o padeiro também não tava lá  
E o guarda não saiu para prender  
Pois sabia que o ladrão também não tava lá  
E o ladrão não saiu para roubar  
Pois sabia que não ia ter onde gastar

No dia em que a Terra parou (êêê)  
No dia em que a Terra parou (ôôô)  
No dia em que a Terra parou (ôôô)  
No dia em que a Terra parou

E nas Igrejas nem um sino a badalar  
Pois sabiam que os fiéis também não tavam lá  
E os fiéis não saíram pra rezar  
Pois sabiam que o padre também não tava lá  
E o aluno não saiu para estudar  
Pois sabia o professor também não tava lá  
E o professor não saiu pra lecionar  
Pois sabia que não tinha mais nada pra ensinar

No dia em que a Terra parou (ôôô)  
No dia em que a Terra parou (ôôô)  
No dia em que a Terra parou (uuu)  
No dia em que a Terra parou

O comandante não saiu para o quartel  
Pois sabia que o soldado também não tava lá  
E o soldado não saiu pra ir pra guerra

Pois sabia que o inimigo também não tava lá  
E o paciente não saiu pra se tratar  
Pois sabia que o doutor também não tava lá  
E o doutor não saiu pra medicar  
Pois sabia que não tinha mais doença pra curar

No dia em que a Terra parou (oh, yeah)  
No dia em que a Terra parou (foi tudo)  
No dia em que a Terra parou (ôôô)  
No dia em que a Terra parou

Essa noite, eu tive um sonho de sonhador  
Maluco que sou, acordei

No dia em que a Terra parou (oh, yeah)  
No dia em que a Terra parou (ôôô)  
No dia em que a Terra parou (eu acordei)  
No dia em que a Terra parou (acordei)  
No dia em que a Terra parou (justamente)  
No dia em que a Terra parou (eu não sonhei acordado)  
No dia em que a Terra parou (êêê)  
No dia em que a Terra parou (no dia em que a terra parou)

Raul Seixas

## RESUMO

A dança, com toda a sua complexidade, pode ser compreendida através de diferentes perspectivas, como um elemento de comunicação, de criatividade, de reabilitação, de expressão artística, entre outros. Na conjuntura de isolamento social devido à pandemia da COVID-19, ela adquire um caráter de papel transformador para a viabilização da manutenção da saúde mental e física dos indivíduos, além de contribuir para a experimentação cultural e artística. A partir desse entendimento, o presente estudo busca compreender como se configura o processo de implementação do Projeto de Extensão Universitária “Roda de Conversas e Ações Artísticas e Culturais em Artes e Deficiências (RODACADE)” durante o contexto pandêmico. Trata-se de um estudo transversal de natureza qualitativa, a partir da observação e descrição da autora, partindo da metodologia da pesquisa de campo. A pesquisa foi realizada direto com o objeto, a partir de entrevistas, registros audiovisuais e análise de arquivos. A pesquisa de caráter experimental, buscou descrever e analisar os processos de implementação e experimentação artísticos do projeto de extensão. Este estudo propiciou a construção coletiva de um espaço de compartilhamentos artísticos, abertura para questionamentos pessoais e processos de construção e desconstrução de saberes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Dança e inclusão. Processos artísticos. Pandemia. Deficiência.

## **ABSTRACT**

Dance, with all its complexity, may be understood through different perspectives as an element of communication, creativity, rehabilitation, artistic expression, among others. In the context of the social isolation due to the COVID-19 pandemic, dance has a transformative role in enabling the maintenance of individuals' mental and physical health, in addition to contributing to cultural and artistic experimentation. Based on this understanding, the present study aimed to investigate the implementation of the Extension Project of the University named "Wheel of Conversations and Artistic and Cultural Actions in Arts and Disabilities (RODACADE, in portuguese)" during the pandemic context. This is a cross-sectional study of a qualitative nature, based on the observation and description of the processes by the author, using field research methodology. Data for the research was collected from interviews, audiovisual records and file analysis. The experimental nature of the research described and analyzed the artistic implementation and experimentation processes of this extension project. This study led to the collective construction of a space for artistic sharing, openness to personal questions and processes of construction and deconstruction of knowledge.

**KEY WORDS:** Dance and inclusion. Artistic processes. Pandemic. Disability.

## Lista de Figuras

Figura 1 - Retrato de Lygia Clark.....	24
Figura 2 - Obra “Máscara Abismo” (série 1968), de Lygia Clark .....	25
Figura 3 - Erwin Wurm, .....	26
Figura 4 - Exposição Erwin Wurm - O Corpo É a Casa.....	26
Figura 5 - Ernesto Neto .....	27
Figura 6 - Ernesto Neto e colaboradores da tribo Huni Kuin, na instalação Vozes da Floresta (2016).....	28
Figura 7 - Nazareth Pacheco.....	29
Figura 8 - Série Momentos, de Nazareth Pacheco (2017).....	29
Figura 9 - Registro do 2º encontro - Confeção de máscaras sensoriais com materiais livres.	31
Figura 10 - Registro do 8º encontro – Improvisação em dança a partir de fotografias pessoais .....	31
Figura 11 - Registro do 6º encontro - Confeção de máscaras sensoriais com a técnica de papel colado (Workshop com Helenice).....	31
Figura 12 - Corpo Sobre Tela – Marcos Abranches .....	34

## **LISTA DE ABREVIATURAS:**

DCD	Diversos Corpos Dançantes
PcD's	Pessoas com deficiência
RODACADE	Roda de Conversas e Ações Artísticas e Culturais em Artes e Deficiências
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

# SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2 METODOLOGIAS INTEGRADAS.....</b>	<b>14</b>
<b>3 VIRTUALIDADES PULSANTES .....</b>	<b>17</b>
3.1 DESAFIOS DE UMA BOLSISTA AUTORA .....	18
3.2 DO CASULO À METAMORFOSE: AS INCERTEZAS DO PROCESSO .....	21
3.3 À PROCURA DOS ALICERCES: OS ARTISTAS E SUAS INFLUÊNCIAS NO PROJETO .....	23
3.4 A LUTA ANTI-CAPACITISTA .....	32
3.5 O CONTATO COM MARCOS ABRANCHES .....	33
<b>4 DANÇA E NOVAS TECNOLOGIAS: UMA PROPOSTA DE VIDEODANÇA .....</b>	<b>36</b>
4.1 AUTONOMIA E PESQUISA .....	37
4.2 APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA .....	39
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>41</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>43</b>
<b>APÊNDICE 1 - Relatório dos encontros .....</b>	<b>46</b>
<b>APÊNDICE 2 - Entrevista com Marcos Abranches.....</b>	<b>59</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Quando direcionamos o nosso olhar para a dança no contexto da deficiência, é de suma importância que possamos compreender o estigma de inclusão/exclusão relacionados aos conceitos de deficiência, o qual passou por importantes transformações ao longo da história. A partir da década de 80, profissionais de todo o mundo iniciaram pesquisas relacionadas à dança para pessoas com deficiência (PcD's). Elas eram investigadas a partir de duas diferentes perspectivas: as que permeavam o campo da arte e as que dialogavam com o campo da reabilitação (SOUZA, 2009).

Além disso, é necessário que haja uma compreensão acerca da grande diversidade de PcD's e que essa multiplicidade de corpos também é geradora de uma variedade de práticas corporais (VENDRAMIN, 2013). Desse modo, quando colocamos o foco no próprio corpo humano, com toda a sua complexidade, criatividade e multiplicidade, podemos ultrapassar a dualidade do discurso inclusão-exclusão e pensar em novas e diversas “paisagens corporais” (GILBERT, KELLERMAN, 2020). É importante ressaltar que não existem corpos iguais, ou seja, a singularidade está presente em cada um, sendo necessário que se trabalhe de diferentes formas, independente da deficiência. Isso não impede, no entanto, que se façam adaptações necessárias conforme as condições de cada indivíduo (DOS SANTOS, GUTIERREZ, ROBLE, 2019).

Na perspectiva da dança e deficiência, podemos apresentar o projeto de extensão universitária “Roda de Conversas e Ações Artísticas e Culturais em Artes e Deficiências” (RODACADE), o qual se configura como um desdobramento do projeto original “Diversos Corpos Dançantes<sup>1</sup>” (DCD), desenvolvido sob a coordenação da professora Carla Vendramin, em 2014. Em 2019, o professor Márcio Pizarro Noronha assumiu o projeto DCD, encontrando-se na coordenação até o presente momento, porém em seu novo formato. Em 2020, devido ao contexto de isolamento social, gerado pela pandemia do novo Coronavírus<sup>2</sup>, o projeto passou

---

<sup>1</sup> Diversos Corpos Dançantes é um projeto que iniciou seu trabalho no dia 01 de abril de 2014 como uma extensão do Curso de Licenciatura em Dança da UFRGS, pela professora Carla Vendramin (VELHO, 2015). O grupo iniciou com os princípios norteadores de arte como suficiência, corpo como suficiência, prática de autonomia e o desejo de dançar como gerador de pulsão e impulsão (VENDRAMIN, 2019). Em 2019, sob a coordenação do professor Márcio Pizarro Noronha, o projeto passou por uma reestruturação, tendo como objetivos principais propor ações de pesquisa, improvisação e composição em poéticas de integração entre diferentes pessoas e seus corpos com habilidades mistas (NORONHA, FAGUNDES, BARBO, 2019).

<sup>2</sup> Foi detectado em 31 de dezembro de 2019, o novo Coronavírus, denominado SARS-CoV-2, causador da doença COVID-19. Seu início ocorreu em Wuhan, na China. A Organização Mundial da Saúde (OMS) confirmou a circulação do novo Coronavírus em 9 de janeiro de 2020 (Lana, 2020).

por uma reformulação envolvendo seus objetivos, a nomenclatura e a forma de atuação, passando a funcionar de forma remota. O RODACADE, objeto desse estudo, objetiva em sua modalidade virtual promover, semanalmente, experiências artísticas e culturais para o grupo. Ademais, busca oportunizar espaços de trocas de experiências pessoais durante o contexto pandêmico.

A leitura exploratória acerca desta temática encontrou artigos que abordam, principalmente, os processos criativos em grupos e companhias de dança para pessoas com deficiência ou grupos com habilidades mistas. O termo “habilidades mistas”, utilizado no projeto RODACADE, começou a ser utilizado desde o projeto inicial, o DCD, para contemplar a pluralidade dos corpos e experiências pessoais dos integrantes do grupo. Essa nomenclatura não propõe distinções entre pessoas com ou sem deficiência, mas engloba a todos (VELHO, 2017). No entanto, não foram encontrados artigos sobre dança para pessoas com e sem deficiência no contexto pandêmico, o que contribuiu para a execução deste estudo.

Assim, a pesquisa se justifica a partir da experiência da autora como bolsista do projeto de extensão universitária, à qual assumiu a atividade em meio ao contexto da pandemia do novo Coronavírus, em junho de 2020. É imprescindível destacar a importância do contexto social e histórico que influenciou diretamente na criação do objeto de pesquisa. Ele emerge a partir da necessidade de contextualizar o momento atual, em que o isolamento social e os enfrentamentos pandêmicos exigem uma sensibilidade para construir uma pesquisa com caráter de relato de experiência, em vista à memória coletiva. Será discutido as possibilidades da presença na virtualidade, seus limites e configurações, além dos processos de adaptabilidade na área da dança, destacando o papel da comunicação através da arte, principalmente devido ao contexto atual.

## 2 METODOLOGIAS INTEGRADAS

Este estudo buscou responder o seguinte questionamento: Como se configura o processo de implementação do Projeto de Extensão Universitária “RODACADE” durante o período pandêmico? Através dessa indagação, foram formulados os objetivos de pesquisa (geral e específicos) que serão discriminados a seguir:

O objetivo geral deste estudo consistiu em descrever o processo de implementação do Projeto de Extensão Universitária “RODACADE” durante o período da pandemia do novo Coronavírus. Os objetivos específicos da pesquisa foram selecionados e organizados de modo a auxiliar na compreensão do projeto de extensão, seus objetivos, metodologias, dificuldades e aprendizados durante o período pandêmico e de isolamento social. São objetivos específicos desse trabalho, portanto:

- a) Compreender como se estabelece o engajamento dos participantes do projeto durante o isolamento social;
- b) Evidenciar como se manifesta a reinvenção dos processos artísticos aplicados à dança, em uma conjuntura de isolamento social;
- c) Desenvolver uma interlocução entre a experiência do projeto, com artistas do campo da dança e deficiência.

Para responder aos objetivos, escolheu-se a metodologia de pesquisa qualitativa de campo, com observação e participação da autora. A escolha da pesquisa qualitativa se conecta com a possibilidade de trabalhar com o universo dos significados, aspirações, crenças e valores propondo-se a dar visibilidade ao que não é visível (MINAYO, 2008). Além disso, buscou-se promover a representatividade da temática.

O estudo possui caráter exploratório e descritivo, pois se propôs a transitar sobre uma área com pouco conhecimento sistematizado (TOBAR, YALOUR, 2001). Dessa forma, buscou-se descrever e explorar, em profundidade, o processo de implementação do RODACADE, a partir do olhar da autora.

Foram utilizadas as seguintes técnicas de pesquisa para a coleta de dados: observação e descrição, entrevista semiestruturada, fontes bibliográficas e arquivos pessoais da autora, como o caderno de registros, a gravação dos encontros e as fotografias do grupo. Segundo Lüdke e

André (1986), as entrevistas abertas contribuem para uma maior interação entre o pesquisador e os sujeitos participantes, abrindo possibilidades para um diálogo mais profundo.

Além disso, esse estudo abrangeu uma perspectiva pedagógica, visto que está imerso em um contexto de arte e educação e buscou investigar este campo em sua modalidade virtual. Segundo Porpino (2018), para que haja uma ampliação no entendimento dos fenômenos educacionais na dança, é necessário refletir acerca da educação através das trocas de experiências, diálogos e ressignificações que as manifestações artísticas possibilitam.

Ao afirmarmos que dança é educação, percebemos que não há como isolar as várias situações nas quais esse educar se manifesta, pois o fenômeno educação, assim como o dançar, é polissêmico e suas diversas formas de manifestação inevitavelmente suscitam interrogações diversas e transitáveis entre diversos contextos (PORPINO, 2018, p.120).

É importante ressaltar que o próprio papel da autora muitas vezes se complementava e se interseccionava entre três principais perspectivas: como bolsista e monitora do projeto de extensão, como observadora participante da disciplina de “Estágio de Docência em Projetos de Dança”, ministrada pela professora Izabela Lucchese Gavioli, e como pesquisadora imersa no campo. Todas essas mudanças de papéis resultaram em desdobramentos constantes, os quais influenciaram na construção desse estudo e possibilitaram a reflexão profunda da temática, sob múltiplas lentes.

Além do descrito até aqui, cabe destacar a importância da experiência com as ferramentas digitais para a implementação da modalidade virtual do projeto. Elas se configuraram como um motor fundamental para as interações sociais, estabelecendo as fronteiras entre os espaços cênicos de trabalho e as salas de aula virtuais. Segundo Madeira (2019), os avanços nos campos da dança e internet estão intimamente conectados, sendo os processos artísticos indissociáveis dos tecnológicos. Assim, o processo de escolha das plataformas exigiu um estudo profundo, aprendendo com as potencialidades de cada ferramenta para, posteriormente, compartilhar os ensinamentos e os modos de utilizá-las. Dessa forma,

foram selecionadas as plataformas “ZOOM<sup>3</sup>” e “WhatsApp”<sup>4</sup>. Sem elas, o projeto não conseguiria ser executado.

Como último aspecto, é fundamental observar os diferentes níveis de comunicação entre os integrantes do projeto, visto que se trabalha com uma dimensão relacional entre corpo e tecnologia. Desse modo, foi necessária a observação atenta com vistas à percepção dos diferentes graus de envolvimento proporcionados pelas trajetórias diversas dos integrantes, desde a formação do DCD. Destacou-se os afastamentos e retornos entre eles, bem como a conexão entre a memória individual e coletiva e essa nova dimensão de projeto.

---

<sup>3</sup> ZOOM Cloud Meetings se configura como um aplicativo recomendado para quem necessita participar de reuniões em vídeo. A ferramenta digital apresenta a possibilidade de compartilhamento de arquivos, textos e apresentações durante as videochamadas (DOS SANTOS JUNIOS, DA SILVA MONTEIRO, 2020).

<sup>4</sup> O WhatsApp Messenger se configura como um aplicativo de mensagens multiplataforma, lançado em 2009. A ferramenta de comunicação pode ser utilizada por dispositivos móveis e por computadores pessoais. Entre os recursos, estão inclusos o envio de texto, fotos, áudios, vídeos, além de ligações e videochamadas (KAIESKI, GRINGS, FETTER, 2015).

### 3 VIRTUALIDADES PULSANTES

A pandemia, quando abordada a partir do contexto educacional, escancarou as desigualdades sociais de acesso à informação e à tecnologia. Para as pessoas com deficiência, às quais costumam ser invisibilizadas, essas desigualdades se tornaram ainda mais evidentes (CURY, FERREIRA, FERREIRA, REZENDE, 2020).

Pensar o distanciamento social para quem já vive isolado, em função da falta de acessibilidade urbanística, arquitetônica, comunicacional, tecnológica e, também, devido a inclusão precária, ainda existente em muitos contextos sociais e escolares, é concluir que essa importante camada da população está hiper vulnerável frente a atual realidade (CURY, FERREIRA, FERREIRA, REZENDE, 2020, p.3).

Diante desse novo cenário, o projeto de extensão universitária “RODACADE” precisou passar por uma reformulação envolvendo seus objetivos, a nomenclatura e a forma de atuação, passando a funcionar de forma remota, adequando-se ao contexto. Quanto aos objetivos do projeto de extensão na modalidade virtual, foi escolhido como objetivo principal: promover semanalmente experiências artísticas e culturais para o grupo. Os objetivos secundários visavam promover a oportunidade de oferta de espaços de trocas de experiências pessoais durante o contexto pandêmico, além de, como produto final, o desenvolvimento de uma videodança que contemplasse uma pequena mostra dos processos artísticos vivenciados durante o isolamento social.

O foco multidisciplinar no estudo e nos processos criativos em dança e deficiências propunha a combinação de encontros teóricos, rodas de conversa, grupos de estudo, experimentação com base em improvisação e uso de diferentes linguagens artísticas. Foram propostos trabalhos com diferentes mestres colaboradores durante o processo de estudo, os quais auxiliaram na construção e experimentação dos exercícios coreográficos. Além disso, foram desenvolvidos estudos que se relacionam com as artes visuais de forma teórica e prática, com a fotografia, com as práticas teatrais e com a literatura. Essas investigações artísticas eram sempre conectadas às práticas corporais de improvisação e composição coreográficas.

Desse modo, uma das maiores preocupações em relação à adaptação do projeto se concentrava na segurança e sensibilidade em relação aos espaços disponíveis a cada um, visto que não haveria uma sala de aula comum a todos e com as ferramentas de acessibilidade e segurança para as práticas. Quando abordamos o projeto de modo remoto, é imprescindível

levar em consideração que os ambientes dos integrantes são distintos e, desse modo, as dinâmicas devem respeitar essas novas configurações. Conta-se com participantes cadeirantes, “muletantes”, com mobilidades reduzidas e, assim, é fundamental que seja propiciado um ambiente de trabalho e de pesquisa seguros. Conforme Lessa (2020), as noções de espaço na pandemia ocupam duas diferentes perspectivas, ora como limitante de movimento, ora como propulsor do mesmo, porém sempre como uma questão decisiva para o contexto.

Os elementos de um ambiente de aula acessível envolvem: conectividade, comunicação, relação, preparação do espaço, segurança, organização, conforto, responsabilidade sobre seu próprio corpo, soluções dinâmicas, estender as dinâmicas que são encontradas para o grupo todo, adaptação bidirecional, respeitar o tempo de cada um/encorajamento /limites, suporte individual, “pergunte!” (VENDRAMIM, 2013, p.11).

Ademais, o próprio contato com as novas tecnologias não se caracterizava como uma realidade total e absoluta do grupo. Foram necessários diversos encontros de reconhecimento e tentativas acerca da plataforma escolhida, principalmente em relação às ferramentas de som e câmera. Foram enfrentados, também, os limites e dificuldades comuns ao momento, como os problemas de conexão e internet, os quais serão aprofundados no decorrer do artigo.

### 3.1 DESAFIOS DE UMA BOLSISTA AUTORA

O trabalho como bolsista do projeto de extensão foi iniciado em junho de 2020, a convite do professor Márcio Pizarro Noronha. Ambos já haviam trabalhados juntos, como professor e aluna, durante disciplinas do curso de Licenciatura em Dança da UFRGS. O objetivo inicial da bolsista consistia em auxiliar na transformação e adaptação do projeto em conjunto com o professor Márcio. Durante todo o primeiro mês de encontros, a dupla realizava reuniões virtuais para discutir e estudar as diferentes perspectivas artísticas que poderiam guiar o processo durante o semestre, além de iniciarem um novo planejamento e cronograma de trabalho.

Esses encontros semanais eram voltados para o estudo e a qualificação, em que eram vislumbrados os possíveis artistas que poderiam nortear o projeto, como a Lygia Clark<sup>5</sup> e outros

---

<sup>5</sup> Lygia Clark foi uma importante artista do experimentalismo nas artes plásticas dos anos 1960 e 1970 no Brasil. Ela iniciou seu trabalho com a pintura, porém com o passar do tempo, transformou sua arte para o espaço tridimensional. Ela é conhecida pelo intenso cruzamento entre sua arte e sua vida pessoal, além de, em suas obras, exigir uma participação do espectador para a experiência total (SPERLING, 2015).

artistas que serão apresentados no transcurso do texto. Através da plataforma “Onedrive”, eram compartilhadas as diferentes mídias (fotos, vídeos, músicas, catálogos...) para serem utilizadas futuramente como referência. Ademais, esse período foi fundamental para estudar a plataforma mais adequada e acessível para iniciar os encontros síncronos com o grupo, optando-se pela plataforma “ZOOM”. Ambos compartilhavam, também, ideias de dinâmicas criativas, coletivas e individuais, que pensavam ser possível a execução virtual.

Um dos maiores medos enfrentados pela bolsista autora, estava relacionado ao fato de não conhecer previamente os integrantes do grupo. Havia um receio de não conseguir construir laços de afeto e confiança em um ambiente somente virtual, visto que a comunicação poderia sofrer perdas e alterações em um contexto marcado pela virtualidade. De acordo com Melo (2012), a própria dança é considerada uma forma de expressão e comunicação humana, em que o gesto, a partir da conjugação dos movimentos, é responsável pela composição corporal artística. Gasparini e Katz (2013), em vista disso, apresentam importantes questionamentos acerca dos limites e naturezas comunicativas: Qual é a natureza da comunicação (...)? É possível escapar da tirania do entendimento de que toda e qualquer comunicação precisa produzir significado no modelo da linguagem verbal?

Além disso, como característica pessoal da autora, costuma ser uma professora cuja personalidade e forma de atuação envolvem o toque e o contato físico. Esse aspecto é atribuído tanto como conexão de elemento de trabalho - para correções e auxílio na percepção dos movimentos -, quanto para a construção das relações de proximidade e afeto entre o grupo.

Hoje, percebemos que abraço e dança expressam algo em comum, trocam sentidos, revestem-se de significados transversais. Significados estes, expressos no corpo mobilizado para o compartilhar de seu desejo de contato, seja na dança que mobiliza para o abraço ou no abraço que mobiliza para a dança (PORPINO, 2018, p.92).

No dia que antecedeu o primeiro encontro virtual (16/07), a bolsista propôs dois horários ao grupo para quem demonstrasse interesse em testar as ferramentas da plataforma (câmera, microfone e compartilhamento de mídias). Esse momento foi de suma importância para que fossem sanadas a maior quantidade de dúvidas, além de promover um pequeno tutorial de uso do Zoom. Ainda, esse momento foi fundamental para um primeiro contato com os integrantes do grupo, visto que foi possível conhecer um pouco sobre cada um dos presentes, bem como suas principais relações com a dança, com as artes em geral e com as expectativas do projeto.

No dia 17/07, foi realizado o primeiro encontro síncrono e aberto a todos os interessados. Nele, estiveram presentes representantes do corpo docente e discente do curso de dança, além de antigos integrantes do projeto. O momento foi iniciado com apresentações individuais e com o compartilhamento acerca dos objetivos do projeto, seguindo com um vídeo introdutório sobre a artista Lygia Clark. Os participantes foram convidados a imergirem no universo da interlocução das artes.

Na segunda parte do encontro foi realizada uma vivência de automassagem e descoberta de movimentos, em que todos estavam sentados e com os olhos fechados. O processo foi finalizado com um vídeo baseado na obra da artista Lygia Clark: “Diálogo de Mãos”. Com ele, buscava-se retratar, de forma sensível e abstrata, um pouco das possibilidades e horizontes em meio à pandemia e ao contexto de isolamento social. Como principais resultados, houve um retorno percebido como bastante positivo através do grupo de WhatsApp, em que os participantes demonstraram interesse em seguirem com os encontros síncronos.

Como planejado previamente, foi decidido não trabalhar com uma modalidade de dança específica, visto que buscava-se promover uma diversidade de fazeres artísticos aplicados ao contexto da dança. Dessa forma, semanalmente, o grupo foi desenvolvendo um processo de trabalho que envolveu as artes visuais, a literatura, a fotografia e o teatro, sempre conectados às práticas corporais. Frequentemente, nos grupos de WhatsApp, eram compartilhados fotos e vídeos de performances artísticas, além de mensagens de afeto. Essa ação contribuiu para o fortalecimento do vínculo com o grupo, além de promover um envolvimento contínuo, importante para a manutenção do engajamento e motivação em um contexto de distanciamento.

Durante todo o processo, o grupo contou com cerca de 15 integrantes, entre PcD's e pessoas sem deficiências. O número costumava variar conforme a estabilidade de conexão com a internet, compromissos específicos e os fatores motivacionais, mais sensíveis e presentes durante um contexto pandêmico. Não havia um perfil específico para classificação e tipologias de corpos. A perspectiva de abordagem era de multicorporeidades em convivência e em relacionamento horizontal. Por ser um grupo com grande diversidade, a faixa etária variava entre 20 e 75 anos. No grupo, contava-se, inclusive, com três núcleos familiares, sendo dois compostos por mães e filhas e um composto por mãe e filho.

Contudo, é fundamental destacar que, uma vez que muitos integrantes já haviam dançado juntos desde o DCD, as relações interpessoais possuíam diferentes graus de envolvimento e comunicação. Notava-se distintos tempos e expressividades entre os

participantes, em que muitos já apresentavam maior conhecimento acerca dos corpos, preferências e limites do outro. A memória coletiva se caracterizava como um dos principais desafios para a virtualidade, ora auxiliando e ora prejudicando os processos grupais. Além disso, contou-se com novos participantes, os quais, assim como a bolsista, iniciaram o trabalho com o grupo já na modalidade virtual. Essa diversidade de trajetórias, em alguns momentos, impulsionava pequenos ruídos no espectro comunicativo do grupo, processo intensificado em um ambiente formado por elementos digitais e com os corpos mediados pela tecnologia.

### 3.2 DO CASULO À METAMORFOSE: AS INCERTEZAS DO PROCESSO

O processo de implementação do projeto RODACADE, durante o contexto de isolamento social, foi marcado por incertezas, ansiedades e questionamentos diários. Devido à pandemia, as produções de arte e cultura foram as primeiras a serem suspensas no Brasil (CALABRE, 2020). Dessa forma, havia a preocupação, em proporcionar experiências culturais e práticas de dança, mesmo que virtualmente, tanto por questões de saúde física e mental, quanto pela experiência artística em si. Dia após dia, estudava-se as formas mais acessíveis e criativas para propor dinâmicas artísticas ao grupo, porém respeitando o momento sensível e delicado de cada um.

Segundo Honorato e Marcelino (2020), é necessário buscar novas formas de ensinar e aprender conforme o período atual, levando em consideração o espaço disponível a cada um, o envolvimento dos membros da família e o próprio isolamento social. A aproximação com as novas tecnologias de informação e comunicação estiveram cada vez mais presentes e, dessa forma, havia a preocupação em buscar o equilíbrio entre as atividades digitais e momentos que os afastassem das telas. Por esse motivo, além dos encontros síncronos, eram propostos exercícios de experimentação e improvisação coreográficas em períodos para além do momento da reunião em si. Ainda, para não cansar a visão dos participantes, vídeos complementares, textos e músicas eram compartilhados para serem explorados em momentos livres, à escolha dos integrantes.

Como já apresentado no artigo, a aproximação com as tecnologias não se caracterizava como uma realidade total dos integrantes do projeto, não sendo todos que possuíam acesso a computadores e celulares, além de, algumas vezes, apresentarem a necessidade da presença de

membros familiares para auxiliá-los. Essa questão se configurou como uma das mais difíceis do processo, pois havia a preocupação em incluir a todos. Assim, entrou-se em contato com cada um de forma individual, para pensar em alternativas específicas às situações, porém, infelizmente, não foram todos que puderam participar no momento. Entretanto, optou-se por não retirar ninguém do grupo de WhatsApp, para manter vínculos e para que pudessem acompanhar o compartilhamento de materiais e mídias.

Cury, Ferreira, Ferreira e Rezende (2020), discutem acerca das novas práticas e vivências pedagógicas durante a pandemia, reiterando a importância de aproveitar o período para tentativas de inovação educacionais. Eles dialogam acerca da importância de atribuir papéis de protagonismo aos estudantes, dividindo responsabilidades e propondo uma maior autonomia. Assim, é possível que se participe da própria formação, além da criação de práticas e conteúdos inovadores e que façam sentido ao grupo em que se está inserido.

Esse foi um importante exercício de autonomia para o RODACADE, visto que buscou-se incluir os participantes na construção do processo desde o início, conversando semanalmente acerca dos fatores motivacionais de cada um, bem como suas preferências artísticas e de práticas do movimento. Além disso, foi combinado com o grupo que, a cada semana, no primeiro momento do encontro, um integrante iria propor uma prática de movimento, compartilhando alguma vivência pessoal em dança. Essas dinâmicas foram de suma importância para que todos pudessem conhecer um pouco mais sobre as preferências e trajetórias na dança, bem como experimentarem um papel de docência e protagonismo. Para alguns participantes, essa proposta deixava-os mais ansiosos, sendo desta forma, ofertada a possibilidade do desenvolvimento da atividade em duplas ou trios. Desse modo, buscou-se estimular um ambiente de trocas interpessoais e transmitir mensagens de esperança e positividade para o futuro, impulsionando a manutenção das relações sociais em um período de distanciamento físico.

Como novas alternativas, procurou-se trazer antigos professores e bolsistas do projeto para participarem de alguns encontros, dialogando com o grupo e propondo dinâmicas de experimentação em dança. Esses momentos foram potentes por instigarem o grupo a compartilharem suas experiências nessa nova modalidade, traçando comparativos com o modelo presencial. Vários integrantes comentaram que não haviam experienciado algo semelhante na trajetória do grupo, com um processo imersivo de estudo e experimentação artística.

Sem a possibilidade de dançar fora de casa, a viagem aconteceu em casa e pelo mapa corporal. Agregamos novas sensações, paramos em lugares ainda não visitados, descobrimos rotas, percorremos atalhos e extensões no caminho. Convidamos a propriocepção para uma dança mais consciente e ampliamos a relação corpo-casa (LESSA, 2020, p.15).

Eles expressaram que os encontros estavam sendo importantes para o momento em que estavam passando, considerando um escape e esperança em uma realidade tão difícil e incerta. Ainda, eles manifestaram que a própria questão do compromisso e engajamento semanal foi muito significativa para o período. Era o momento em que eles sabiam que iriam colocar o corpo em movimento, socializar e experienciar algo novo durante a semana.

### 3.3 À PROCURA DOS ALICERCES: OS ARTISTAS E SUAS INFLUÊNCIAS NO PROJETO

Segundo Madeira (2019), artistas e estruturas de diferentes localidades do mundo, em seu potencial de contato, originaram redes online de pesquisa e acesso a informações relacionadas ao mundo da dança e das artes. Dessa forma, durante o mês de junho, as reuniões virtuais eram voltadas para a pesquisa de artistas que poderiam nortear e dar sustentação ao projeto.

O objetivo era propor uma interlocução entre a dança e as mais diversas manifestações artísticas, nacionais e internacionais. A ideia consistia em utilizar as possibilidades disponibilizadas pelo ambiente virtual, para aproximar os artistas aos integrantes do grupo, rompendo as barreiras geográficas e aproveitando as possibilidades da conectividade. Assim, foi criada uma pasta na plataforma Onedrive, em que eram compartilhados, diariamente, registros fotográficos, audiovisuais, sonoros e jornalísticos que apresentassem as trajetórias dos artistas escolhidos.

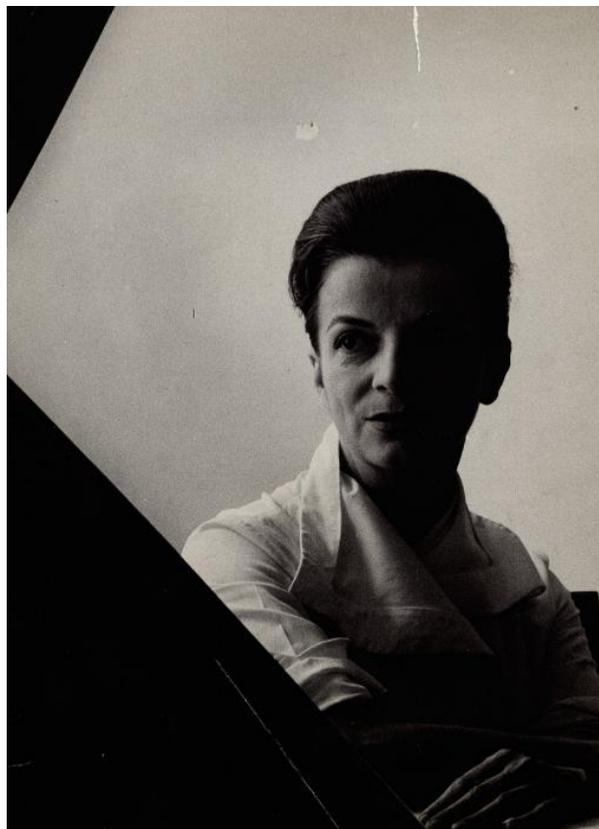
As pesquisas iniciais traziam a artista brasileira Lygia Clark, nascida na cidade de Belo Horizonte, em 1920. Suas obras são consideradas inovadoras, visto que buscam um olhar ativo, bem como a manipulação do espectador, que contribui com a dinâmica da própria obra. Além disso, a artista busca desenvolver as possibilidades de percepção sensorial em suas obras, utilizando os corpos para contribuir com a experiência artística, seja de forma individual ou coletiva (CLARK, BORJA-VILLEL, 1998). Assim, Clark busca despertar essa experiência

sensorial e estética nos espectadores participantes, estimulando, através da subjetividade estética de cada um, a produção de sentido (BARBIERI, 2008).

Em suas obras e instalações, os materiais escolhidos carregam uma potência expressiva e também sensitiva, em que as diferentes texturas, cores, cheiros e outras qualidades, despertam a memória e as diferentes sensações em seus participantes. Clark estabelece, portanto, uma nova relação com o universo dos objetos do cotidiano (STRATICO, 2012).

A partir de Lygia Clark, foram planejadas atividades para o RODACADE, em que a experimentação em dança estava relacionada com os objetos do cotidiano, como toalhas, fotografias de família e luminárias, por exemplo. O objetivo consistia em acessar as memórias e despertar diferentes sensações a partir dessas experiências sensoriais, com exercícios de improvisação em dança. Também, foram realizados encontros de estudo e confecções de máscaras sensoriais baseadas em obras da artista, com a escolha de cores e materiais que fossem acessíveis ao isolamento social e que representassem os processos vivenciados pelo grupo.

Figura 1 - Retrato de Lygia Clark



Fonte: Arquivo Nacional      Autor: Desconhecido

Figura 2 - Obra “Máscara Abismo” (série 1968), de Lygia Clark



Fonte: CEPEEP Físio Autor: Desconhecido

Ademais, foi estudado também o artista plástico e escultor austríaco nascido em 1954, Ervin Wurm. A partir de sua obra “O Corpo é a Casa”, a qual busca apresentar elementos da vida cotidiana para discutir as questões do corpo, analisou-se aspectos fundamentais acerca dos significados de sua arte, bem como os aspectos que poderiam ser pertinentes de serem abordados no projeto de extensão. A escolha do artista também está relacionada ao fato dele buscar discutir e desconstruir o ideal estético e padrão acerca do corpo social, em que está imerso em uma cultura que hierarquiza os saberes e os corpos. Assim como Lygia Clark, Wurm busca envolver o espectador em sua obra, tornando-o participante ativo. Ele convida os espectadores a estarem presentes em suas criações, fazendo com que sejam partes dela (ALVES, 2020).

Figura 3 - Erwin Wurm,



Fonte: Arte Ref Foto: Eva Würdinger

Figura 4 - Exposição Erwin Wurm - O Corpo É a Casa



Fonte: São Paulo São Foto: Carol Quintanilha

Também, foram exploradas as criações do artista carioca Ernesto Neto, nascido em 1964, cujas obras estão configuradas entre o universo das esculturas e das instalações. Os materiais utilizados em suas produções costumam ser de tecidos elásticos, de derivados do isopor, além do uso de temperos, que conferem odor aos espaços. Essas matérias-primas contribuem para o entendimento do espectador como agente ativo da obra que, através das experiências sensoriais, constroem uma nova percepção sobre a vivência. Além disso, Neto e sua equipe possuem uma preocupação em buscar formas de diálogo justas e inclusivas com grupos que costumam ser excluídos e marginalizados pela sociedade, como as tribos indígenas. Há a promoção de importantes oportunidades de troca e aprendizagem, além de possibilitarem uma maior visibilidade a esses grupos (GOLDSTEIN, LABATE, 2017).

Figura 5 - Ernesto Neto



Fonte: Museum of Contemporary Art Kiasma e Galeria Fortes Vilaça

Foto: Petri Virtanen

Figura 6 - Ernesto Neto e colaboradores da tribo Huni Kuin, na instalação *Vozes da Floresta* (2016)



Fonte: Kunsten Museum of Modern Art/ Aalborg

Foto: Anders Sune Berg

Por último, optou-se por estudar a artista Nazareth Pacheco, nascida em São Paulo, em 1961. Suas obras se caracterizam por abarcar traços de memória, trazendo novos sentidos e significados às recordações do passado. Pacheco, através de seus objetos e materiais utilizados, permite a reflexão sobre quem somos e nosso lugar no mundo, revelando a fragilidade humana. Suas criações abordam o estigma do corpo aprisionado aos padrões preestabelecidos de beleza, provocando a discussão acerca das relações entre beleza e dor (JARDIM, 2017).

Nazareth apresenta, também, através de suas produções, a luta entre a vida pública e privada, bem como a exposição de sua intimidade. A artista passou por uma série de cirurgias e procedimentos estéticos, os quais tornaram-se parte de suas obras. Assim, fragmentos de suas experiências corporais são transmitidos aos seus trabalhos. Ela também possibilita que os espectadores sejam conectados à diferentes experiências sensíveis, que podem transcender os limites do cognitivo (SALVETTI JUNIOR, 2010).

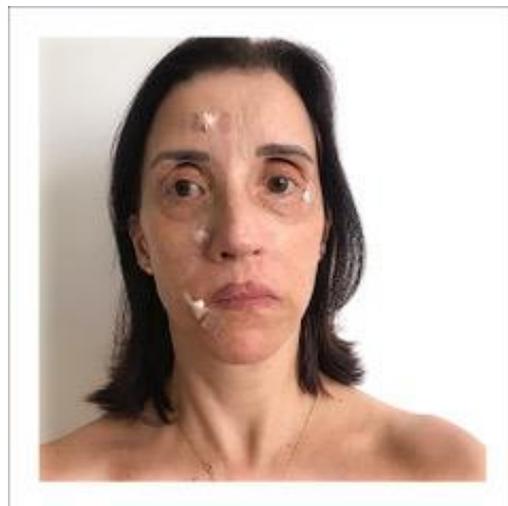
Mas, afinal de contas, o que se faz com um vestido tão lindo, brilhante e cortante? Será que os padrões de beleza impostos pela sociedade ultrapassam o próprio limite da natureza humana? Uma época em que o corpo ideal é o magérrimo, que obriga manequins adolescentes a se submeterem a situações comparáveis às de campos de concentração. Do que vale um corpo perfeito que acaba interferindo e prejudicando a saúde mental? (PACHECO, 2002, p. 46).

Figura 7 - Nazareth Pacheco



Foto: Bruno Santos      Fonte: FAMA Museu

Figura 8 - Série Momentos, de Nazareth Pacheco (2017)



Fonte: Arte Brasileiros      Foto: Rômulo Flaldini

É importante destacar que todos esses artistas contribuíram com inspirações para o planejamento do cronograma de trabalho com o RODACADE. Cada um deles, com suas trajetórias e manifestações artísticas específicas, possibilitou a criação de novas discussões e práticas artísticas com os integrantes do grupo.

A partir de Lygia Clark, por exemplo, foram confeccionadas máscaras sensoriais que expressassem o momento que cada um estava vivendo. Os integrantes passaram por um processo de estudo acerca da história das máscaras, além da busca pelos materiais e cores que os representassem. Além disso, foram compartilhadas diversas performances de dança, através de registros de vídeo que utilizassem as máscaras em suas coreografias. Ainda, foi convidada a ministrar um encontro com o grupo, a artista visual e professora de artes Helenice Mendonça Porcella<sup>6</sup>, a qual ensinou a técnica de “papier collé” - papel colado -. para a confecção de máscaras sensoriais que representassem o coletivo.

A partir de Nazareth Pacheco, foi desenvolvido um encontro em que cada um pudesse entrar em contato com suas memórias e histórias pessoais. O objetivo era compartilhar com o grupo, uma fotografia com alguém especial, bem como o porquê dessa escolha. Em seguida, todos deveriam dançar em homenagem ao que fora apresentado, como uma improvisação em formato de tributo. Essa dinâmica auxiliou no fortalecimento de confiança e laços de afeto com o grupo, bem como os acessos aos sentimentos mais profundos despertados em um contexto de isolamento social. Conforme Porpino (2018), o corpo conta a sua história no momento em que se está dançando, porém de modo não linear. Segundo a autora, essa história é imprevisível, diversa e multifacetada.

---

<sup>6</sup> Helenice Mendonça Porcella é graduada em artes plástica pela Universidade Feevale. Possui pós-graduação em arte educação pela Universidade Santa Cecília, de Cachoeira do Sul e pós-graduação em psicologia transpessoal pela Universidade Unipaz Sul, de Porto Alegre. Ela atuou como arte educadora na rede municipal de Porto Alegre, sendo professora e pesquisadora no projeto Arte na Escola. Ainda, possui pós-graduação em museologia, memória e patrimônio, atuando como artista visual e empreendedora cultural.

Figura 9 - Registro do 2º encontro - Confecção de máscaras sensoriais com materiais livres



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 10 - Registro do 8º encontro - Improvisação em dança a partir de fotografias pessoais



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 11 - Registro do 6º encontro - Confecção de máscaras sensoriais com a técnica de papel colado (Workshop com Helenice)



Fonte: Acervo Pessoal

### 3.4 A LUTA ANTI-CAPACITISTA

Durante todo o planejamento do novo cronograma de trabalho e dos artistas norteadores do projeto, buscou-se também atentar às discussões contemporâneas acerca da luta das pessoas com deficiência, aprofundando sobre as questões dos enfrentamentos capacitistas. Dessa forma, buscou-se estudar autores que abordassem a luta anti-capacitista, proporcionando um diálogo da temática entre os integrantes do grupo. Além disso, diante do cenário atual, havia a preocupação em tornar acessível as imersões e práticas artísticas do projeto, bem como enfrentar as dificuldades relacionadas aos limites tecnológicos e da virtualidade, porém sem perpetuar um pensamento capacitista.

Segundo Vendramin (2019), o capacitismo está relacionado ao estigma construído acerca das pessoas com deficiência, em que suas condições físicas e/ou mentais as definem como inferiores. Dessa forma, o capacitismo se manifesta através de atitudes intencionais ou não, as quais estão enraizadas no discurso social. Segundo a autora, é necessário reconhecer os limites e barreiras da acessibilidade e o entendimento de cada um como indivíduos capacitistas, para que seja possível desconstruir esses pensamentos dentro de nós mesmos.

Dias (2013) coloca que o capacitismo se constrói a partir de uma visão inapta das pessoas com deficiência, as quais não seriam capazes de gerir e controlar suas próprias vidas. Esse discurso está imerso em uma concepção sistematizada de opressão acerca do conceito de deficiência. Ademais, Costa (2020) coloca que uma das formas mais frequentes de visualizar o capacitismo é através de terminologias que reproduzem o preconceito e a opressão contra as pessoas com deficiência, como “retardado”, “mongolóide”, “demente”, entre outros termos pejorativos. Essas nomenclaturas reforçam uma percepção negativa acerca da deficiência.

Quando nos referimos à temática da luta e resistência dos artistas com deficiência, é necessário pensar no combate à legitimação de sua arte e de sua cidadania, os quais, diariamente enfrentam uma realidade excludente, marcada por uma “pseudo-inclusão” (TEIXEIRA, 2018). Com o RODACADE, busca-se dar visibilidade aos grupos e artistas com deficiência, bem como enfrentar a dualidade inclusão-exclusão, promovendo uma maior representatividade na cena cultural e artística. A seguir, será apresentado um dos artistas escolhidos para contribuir com o projeto e compartilhar suas práticas e vivências no mundo da dança nacional e internacional.

### 3.5 O CONTATO COM MARCOS ABRANCHES

Durante todo o período de estudo e planejamento acerca do novo cronograma de trabalho, foram estudados diversos artistas que permeavam o campo da arte e deficiência. Dessa forma, o professor Márcio Noronha e a bolsista encontraram diferentes obras que se relacionavam com o bailarino, professor e coreógrafo Marcos Abranches. Além de fotografias e produções de vídeo, o artista era também citado em uma grande gama de artigos que abordavam a temática da dança, da performance e da inclusão.

Marcos Abranches é um artista paulista com paralisia cerebral, que vem se destacando pelo engajamento estético, em que apresenta a diversidade artística das pessoas com corpos diferenciados. Ele ganhou notoriedade também por ultrapassar as fronteiras da deficiência, trazendo aos palcos uma resistência ao aceito e esperado pela sociedade (OLIVEIRA, 2018). Além disso, ele apresenta uma interlocução entre as artes visuais e a dança, bem como o diálogo com a acessibilidade, para compor os seus processos coreográficos (SILVA, 2017).

Assim, a bolsista procurou entrar em contato com Marcos pelas redes sociais para estudar a viabilidade de realizar uma entrevista, em formato virtual, que pudesse contribuir com as temáticas discutidas no projeto de extensão. Com êxito, através do Instagram, eles combinaram de realizar uma chamada de vídeo para trocar experiências profissionais e pensar em formas de trazer o artista para um maior contato com os integrantes do RODACADE.

No dia 21/09/2020, através da plataforma Zoom, ocorreu a entrevista entre a bolsista autora e o artista Marcos Abranches, a qual será disponibilizada como anexo no presente artigo. Marcos iniciou o encontro com uma breve apresentação pessoal, contando sobre sua família e sua cidade natal e, em seguida, aproveitou para dialogar acerca de sua entrada no universo da dança, bem como suas principais influências e inspirações. Em um segundo momento, o artista apresenta a sua trajetória de forma mais detalhada, em que comenta desde a participação em sua primeira companhia, até a criação de sua própria companhia de dança: a Cia Vidança, passando por diversas turnês pela Europa.

O artista comenta que possui alguns projetos solo, como “Corpo Sobre Tela”, o “Canto dos Malditos e “O Idiota”, sendo o primeiro, um trabalho fruto de memórias e desejos da infância. Ele compartilha que assistia sua mãe, a qual trabalhava como artista visual, pintar e compor suas obras. Marcos buscou trazer a arte da pintura em seu trabalho com a dança contemporânea. Além disso, o artista compartilha que um dos mais importantes trabalhos de

sua carreira é um duo que realiza com uma amiga cadeirante – a Alessandra Grimaldi-, denominado “Forma de Ver”. Esse projeto se construiu a partir da necessidade do autor em trazer aos palcos, a união de duas pessoas com deficiência que, conforme ele coloca, é algo extremamente raro no cenário da dança atual.

Figura 12 - Corpo Sobre Tela – Marcos Abranches



Fonte: Acervo Pessoal de Marcos Abranches Foto: Catarina Santos

(...) ”Quando se fala, vai ter um espetáculo de um artista com deficiência, o público que é convidado, ele já vai com o olhar totalmente diferente. E ai quando ele chega no nosso espetáculo, ele achava que ia ver um trabalho de: ai coitado, ai que bonitinho, mas não. Meu trabalho sempre foi muito forte, muito verdadeiro, muito político” (ABRANCHES, Marcos. Entrevista concedida a Rafaela Carangache Kijner. 2020). [A entrevista encontra-se transcrita no anexo desse artigo]

Finalizando a entrevista, o artista foi convidado a participar de um dos encontros do RODACADE, para que pudesse compartilhar sua trajetória e projetos de dança com o grupo. No dia 08/10/2020, Marcos Abranches se juntou, através da plataforma Zoom, a um encontro com os integrantes do projeto. Durante toda a semana anterior, ele enviou vídeos e fotografias para a bolsista, que seriam utilizadas para compor a exposição de sua história no universo da dança.

O encontro iniciou com a apresentação do Marcos, o qual contou sobre toda sua formação e conexão inicial com a arte da dança, bem como seu nascimento e sua história a partir da paralisia cerebral. É importante ressaltar que o convidado traz consigo uma política contrária ao termo deficiência, preferindo utilizar a terminologia diferença. Em seguida, foi compartilhado um pequeno vídeo documentário, escolhido pelo artista, em que ele apresentou o espetáculo “O Canto dos Malditos”, apresentando sua relação com o autor que inspirou a obra e o universo manicomial. Ainda, foi compartilhada uma apresentação de Power Point com fotos escolhidas por Marcos de seus espetáculos mais importantes, como “Corpo sobre Tela”, “O Idiota” e o “Canto dos Malditos”. Ele pôde explicar mais detalhadamente cada obra a partir das imagens apresentadas. A tarde foi encerrada com um convite especial: ingressos virtuais e gratuitos para assistir ao espetáculo “O Canto dos Malditos”, em um evento organizado pelo SESC São Paulo, importante parceria de Marcos Abranches.

#### **4 DANÇA E NOVAS TECNOLOGIAS: UMA PROPOSTA DE VIDEODANÇA**

O videodança, dentro de suas definições, é considerado um formato artístico relativamente recente, entendido como um produto híbrido, em que o movimento está intimamente conectado às tecnologias. Ele é concebido para ser visto em uma tela de TV, monitor ou projeção (SCHULZE, 2010). Além disso, a produção de videodança, como exercício de criação, busca o compartilhamento dos estudos, pesquisas e experiências propiciadas durante um processo de experimentação artística. Ao longo do tempo, artistas vêm adotando o videodança como uma alternativa às performances presenciais, em que a presença física era considerada característica imprescindível. (SCHULZE, 2014).

Para o encerramento do ano de 2020, foi escolhido o projeto de videodança para a finalização dos processos de experimentação desenvolvidos com o RODACADE durante o contexto de isolamento social. A ideia surgiu com o objetivo de propiciar um momento de autonomia para os integrantes do grupo, os quais deveriam optar pelo viés de estudo conforme suas preferências, além de revisarem temporalmente as temáticas já desenvolvidas durante o ano.

Durante o mês de novembro, o grupo foi dividido, conforme suas próprias escolhas, em três grandes grupos ofertados para a realização da pesquisa e investigação: a) elementos visuais; b) elementos sonoros; c) pesquisa de movimento. Os integrantes deveriam se encontrar de maneira autônoma, para compartilhar suas pesquisas e estudos com vistas aos temas escolhidos. Essa proposta trouxe uma nova perspectiva ao projeto, uma vez que os grupos deveriam se organizar de forma livre e autônoma, trazendo referências presentes em seus próprios caminhos e interesses artísticos e sem o auxílio direto dos professores para a coleta de materiais.

Alguns encontros eram acompanhados pela bolsista em horários externos ao projeto, a qual se propunha a ajudar apenas na estruturação das propostas pesquisadas, porém sem interferir nas buscas. Nesses momentos, alguns importantes questionamentos conceituais foram surgindo, além da própria dificuldade dos grupos em conseguir elencar elementos somente do seu grupo de trabalho, sem abarcar as outras propostas de pesquisa.

#### 4.1 AUTONOMIA E PESQUISA

Iniciando com o grupo da investigação sonora, uma importante questão destacada consistia na busca pela definição do que é considerado som. Alguns integrantes enxergavam essa questão como restrita ao conceito de música, enquanto outros já abarcavam os sons cotidianos, como o da máquina de lavar ou o liquidificador em ação. Outros, ainda, conectavam essa questão com o próprio som da fala, através da declamação de poemas. Já no grupo dos elementos visuais, a maior dificuldade estava conectada ao fato dos participantes não conseguirem restringir a busca por essas referências, associando as pesquisas com a investigação de movimento.

Essas discussões foram fundamentais para que todos pudessem enxergar o meio artístico imerso em um contexto de comunicação, marcado por reflexões, ruídos e aprendizados. A experiência representou um significativo salto cognitivo para os participantes, desafiando-os a assumirem novas responsabilidades dentro do projeto.

Quando se encontra alguma informação, acontece uma experiência cognitiva que modifica o corpo e passa a fazer parte dele. Modificado pelo encontro com a informação, o corpo continua a trocar com o ambiente, modificando-o e se modificando (GASPARINI, KATZ, 2013, p.5).

Foi disponibilizado um dia de encontro síncrono do RODACADE para a organização da apresentação dos conteúdos escolhidos, bem como a forma em que as informações seriam compartilhadas ao grande grupo, em que mais uma vez assumiriam um papel de docência compartilhada. No dia 26/11, cada grupo pôde apresentar o resultado de seus processos de pesquisa. O primeiro grupo a apresentar foi o de pesquisa de movimento, o qual escolheu o formato de apresentação de PowerPoint para o compartilhamento. As integrantes do grupo organizaram uma série de definições, para ajudar no entendimento de alguns conceitos importantes que perpassam esse campo, como ritmo, velocidade, organização espacial, peso e deslocamento. Em seguida, elas especificaram quais partes do corpo gostariam de dar enfoque para a criação de movimento: cintura escapular, os olhos e as mãos. Elas sugeriram também, que todos pudessem explorar as diferentes possibilidades de qualidade de movimento entre esses segmentos corporais.

Em um segundo momento, o grupo de elementos sonoros apresentou três diferentes propostas para a confecção do videodança. Uma participante compartilhou a pesquisa de sons que envolvem o cotidiano dos indivíduos durante os momentos de pandemia, como as obras, os bichos de estimação, as máquinas de lavar e os aspiradores de pó. Ela argumenta que, durante esse período, as inspirações surgem durante esses momentos de rotina, envolvendo uma série de sons que compõe o contexto. Ademais, outra integrante trouxe um poema denominado “O Corpo, A culpa, O espaço”, cujo compositor é Fernando Anitelli. Ela discorre acerca da importância de abordarmos os nossos questionamentos durante esse período de isolamento social, em que nossos corpos estão restritos e compactados às telas dos computadores e celulares e as interações sociais ocorrem através dos espaços virtuais. Por fim, um integrante apresenta a peça “O Carnaval dos Animais”, do compositor Camille Saint-Saens, afirmando ser uma obra complexa, que explora os diferentes ritmos e possibilita uma ampla gama de composições cênicas, além de ser livre de direitos autorais, o que facilitaria a sua utilização pública.

Encerrando as apresentações, o grupo de pesquisa de elementos visuais, trouxe uma série de possibilidades criativas para serem exploradas de forma conjunta à composição de movimentos. Primeiramente, as integrantes apresentaram a ideia dos prendedores, objeto do cotidiano doméstico, porém que poderia ser utilizado na ponta dos dedos, como extensão do movimento das mãos. Em seguida, a mesma dupla apresentou uma invenção com garrafas pet e barbante, elementos que também costumam ser encontrados nos lares de cada um. Essa criação poderia ser utilizada tanto como cenário, quanto para a criação de movimentos. Ainda, o grupo compartilhou a ideia de utilizar objetos de iluminação cênica, como velas, lanternas e luminárias, as quais possibilitam efeitos de luz e sombra. Por fim, elas trouxeram a ideia de utilizar as plantas e jardins pessoais, como cenário para a produção do videodança.

Após serem apresentadas as pesquisas de todos os grupos, foram escolhidas, de forma conjunta, todas as possibilidades que eram viáveis de serem produzidas individualmente. Dentre elas, cada integrante pôde escolher se iria utilizar um, dois ou mais elementos estudados para as gravações. Foi disponibilizado o prazo de duas semanas para a gravação, além de mentorias individuais com a bolsista, para auxiliar em questões de iluminação, locação, figurino e coreografia. Foi contratado um profissional para realizar o processo de montagem e edição do videodança, cuja estreia ocorreu no dia do Natal, como um presente ao grupo.

A linguagem artística é sempre formada por muitos símbolos. Nela, uma cor, o silêncio, um figurino, um objeto, não estão sendo usados do mesmo modo como eles existem na vida cotidiana. Na arte, estão em uma função simbólica, isto é, estão representando algo (GASPARINI, KATZ, 2013, p.8).

## 4.2 APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

Ao analisar o processo de construção do videodança, é imprescindível observar o crescimento coletivo dos agentes do grupo como criadores do pensamento da obra. Durante a trajetória de planejamento, compartilhamento de ideias e execução, cada um exercitou um papel de docente, pesquisador e bailarino, desenvolvendo autonomia no projeto e promovendo um diálogo maduro entre os presentes. Da escolha dos cenários e figurinos ao enquadramento e gravação, cada um foi desafiado com um processo de liberdade e independência, ocupando diferentes funções em um mesmo projeto.

O desenvolvimento do videodança envolveu três principais etapas: a coletiva, a individual e a técnica. A partir da etapa grupal, com a pesquisa, estudo e compartilhamento, eles foram desafiados a trabalhar com o outro, abarcando os diferentes posicionamentos, vivências e desejos, além de experimentarem os diálogos profundos, sem a mediação direta do professor e da bolsista. Já no momento individual, houve um estímulo para que pudessem se conectar com eles mesmos em toda a sua potência, exercitando os processos que envolvem a produção do videodança. Por fim, a etapa técnica envolveu a escolha de um profissional externo ao grupo (Rafael Meirelles Garcia) para realizar a montagem e edição, sem conhecimento prévio dos integrantes e do processo de trabalho do RODACADE. Foram necessários alguns encontros virtuais com o editor para que fosse possível compartilhar o que gostariam de transmitir com o vídeo, dialogando sobre todas as dúvidas e possibilidades para que se aproximasse do que fora pensado.

Posteriormente à finalização de todo o processo de edição, foi pedido ao profissional contratado que pudesse compartilhar sobre como havia sido a experiência indireta com o grupo, relatando os pontos positivos, dificuldades e questionamentos que o atravessaram ao longo do trabalho. Rafael, através do WhatsApp da autora, compartilhou o parágrafo abaixo relatando brevemente suas impressões relacionadas ao projeto:

Ao ser chamado para trabalhar na edição do material me deparei com uma realidade da qual havia me esquecido da existência, a abrangência da dança e sua capacidade de chegar e tocar a todos. Pude perceber um trabalho sensível e com um gestual único, que através do projeto expande o vocabulário da dança. Para quem trabalha com edição, ter em mãos um material rico e inspirador é essencial para que entendamos a mensagem a ser dada e a mesma consiga ser reproduzida em formato digital. Da parte técnica, acredito que faltou um maior refinamento na produção de conteúdo individual dos participantes, talvez uma maior atenção na hora das gravações. Além disso demorei um pouco pra entender o roteiro, quais os elementos e como a "história" acontecia, mas algumas reuniões deram conta de solucionar e finalizar bem. Achei o projeto com grande capacidade de crescimento e me deixou com vontade de querer contribuir ainda mais (GARCIA, 2021, texto escrito em resposta aos questionamentos da bolsista autora).

Assim, a partir do relato, observa-se uma importante questão sobre a temática abordada: a falta de conhecimento e representatividade acerca da criação em dança para pessoas com e sem deficiência. Além disso, por se tratar de um exercício de autonomia e liberdade artística experimental, com seus limitantes técnicos, nota-se a importância em aprofundar os conhecimentos sobre os aparelhos digitais de filmagem, bem como as noções que os envolvem, como o enquadramento e os ângulos escolhidos. Ainda, cabe ressaltar a relevância desse processo para a afirmação do grupo como agentes artísticos com potência de criação e produção.

Link de acesso ao videodança: [https://youtu.be/pxp\\_FhJPZzc](https://youtu.be/pxp_FhJPZzc)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o dia em que assumiu como bolsista do projeto, a autora estava ciente que enfrentaria diversos desafios e obstáculos muito sensíveis, principalmente devido ao contexto de isolamento social. Uma das maiores preocupações acerca da implementação do projeto na modalidade virtual consistia em possibilitar o acesso às experiências artísticas ao maior número de integrantes do grupo, mesmo com todas as barreiras tecnológicas e de espaço físico, em um momento histórico marcado por instabilidade, temores e incertezas. Além disso, por não conhecer previamente o grupo, havia também a preocupação em construir uma relação de confiança e abertura com os integrantes, ainda que em um ambiente virtual.

Uma importante questão concentrava-se nos múltiplos papéis que atravessavam a autora durante todo o processo. Seja como bolsista e monitora do projeto de extensão, como observadora participante da disciplina de “Estágio de Docência em Projetos de Dança” ou como pesquisadora imersa no campo, os aprofundamentos da temática muitas vezes se complementavam. Contudo, a própria escrita externa consistia em um desafio significativo, visto que havia a dificuldade de distanciamento em um processo de participação e coexistência.

Foram analisados os processos comunicativos no contexto da virtualidade, observando os ruídos, alternativas e aprendizados percorridos durante toda a trajetória. Desse modo, o processo é finalizado com uma diversidade de experiências que ficarão marcadas dentro da memória e coração de cada um. Foi desenvolvido, de forma conjunta, um espaço de compartilhamentos artísticos, abertura para questionamentos pessoais e processos de construção e desconstrução de saberes. A cada semana, foi possível entrar em contato com a dança sob uma perspectiva diferente, aplicando-a às mais diversas linguagens artísticas, como a literatura, a poesia, o teatro e o cinema. Foram proporcionados, inclusive, encontros teóricos de estudo e pesquisa acerca da dança e a história da arte, prática que ainda não havia sido realizada com o grupo.

Essa modalidade permitiu quebrar certas barreiras geográficas, como a participação de diferentes artistas que puderam contribuir com a sua experiência, integrando-se ao repertório cultural do grupo. Ademais, os integrantes do projeto foram incentivados a assumirem um papel de protagonistas, através de dinâmicas de docência compartilhada, em que cada um apresentava seus conhecimentos externos de dança e arte. O ano de 2020 do RODACADE foi encerrado com o projeto de vídeodança, exigindo um processo profundo de estudo, pesquisa e dedicação.

Dançar em um contexto pandêmico pode ser considerado por si só um ato de resistência. Com a virtualidade, as fronteiras de corpo-indivíduo e corpo-casa se tornaram muitas vezes imperceptíveis, tornando os espaços domésticos e individuais de cada um, públicos e expostos.

Esse artigo buscou, ainda, reafirmar o caráter fundamental dos projetos de extensão dentro da faculdade de licenciatura em dança da UFRGS. Eles são imprescindíveis pois contribuem para a criação de ambiente sensíveis de pesquisa e arte, possibilitando aos discentes, o aprofundamento nos mais diversos paradigmas da dança.

Através dos papéis de artista, docente e pesquisadora, o estudo possuiu a finalidade de promover um registro da memória coletiva acerca da reinvenção dos processos culturais e artísticos durante a pandemia. Para além de todo o contexto de perdas e isolamentos causados pela doença, foi procurado direcionar o olhar para os aprendizados e conquistas que ficarão para o futuro, além dos questionamentos e diálogos que continuarão latentes no processo que virão.

As diversas discussões apresentadas nesse estudo buscaram dar luz a temáticas muitas vezes excluídas e/ou marginalizadas na sociedade, como a potência artística da dança de pessoas com deficiência para além da perspectiva inclusiva. Se faz fundamental contribuir com o diálogo e com novos estudos acerca desse tema, proporcionando a visibilidade e o protagonismo desses grupos no universo amplo da dança.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Adriana Andrade. **Ser corpo, ser obra: exposição O Corpo é a Casa de Erwin Wurm**. Matéria. Revista internacional d'Art, n. 16-17, p. 263-265, 2020.
- BARBIERI, Cibele Prado. **Da vida à arte e de volta à vida: o sujeito em Lygia Clark**. Cógito, v. 9, p. 10-18, 2008.
- CALABRE, Lia. **A arte e a cultura em tempos de pandemia**. Revista Extraprensa, v. 13, n. 2, p. 7-21, 2020.
- CLARK, Lygia; BORJA-VILLEL, Manuel J. **Lygia Clark**. Fundació Antoni Tàpies, 1998.
- COSTA, Laís Silveira. A vida da pessoa com deficiência: Reflexões legadas do distanciamento social. **Diálogos sobre acessibilidade, inclusão e distanciamento social: Territórios existenciais na pandemia**, p. 10-11, 2020.
- CURY, Carlos Roberto Jamil; FERREIRA, Luiz Antonio Miguel; FERREIRA, Luiz Gustavo Fabris; REZENDE, Ana Mayra Samuel da Silva. **O Aluno com Deficiência e a Pandemia**. São Paulo, 2020
- DE SOUZA DIAS, Francine. **COVID (A) NO CAPACITISMO NOSSO DE CADA DIA**. Diálogos sobre, p. 51.
- DIAS, Adriana. **Por uma genealogia do capacitismo: da eugenia estatal à narrativa capacitista social**. Anais do II Simpósio Internacional de Estudos sobre Deficiência. São Paulo, p. 5-14, 2013.
- DOS SANTOS JUNIOR, Verissimo Barros; DA SILVA MONTEIRO, Jean Carlos. **Educação e covid-19: as tecnologias digitais mediando a aprendizagem em tempos de pandemia**. Revista Encantar-Educação, Cultura e Sociedade, v. 2, p. 01-15, 2020.
- DOS SANTOS, Renata Ferreira; GUTIERREZ, Gustavo Luis; ROBLE, Odilon José. **Dança para pessoas com deficiência: um possível elemento de transformação pessoal e social**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 41, n. 3, p. 271-276, 2019
- GASPARINI, Igor; KATZ, Helena. **Comunicação entre Dança e Público: O papel do coreógrafo na construção da relação obra-espectador**. Dança: Revista do Programa de Pós-Graduação em Dança, v. 2, n. 2, p. 51-66, 2013.
- GILBERT, Ana Cristina Bohrer; KELLERMAN, Paulo. **Geografias corporais: dança, corpo e deficiência. Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 24, p. e190603, 2020.
- GOLDSTEIN, Ilana; LABATE, Beatriz Caiuby. **Encontros artísticos e ayahuasqueiros: Reflexões sobre a colaboração entre Ernesto Neto e os Huni Kuin**. Mana, v. 23, n. 3, p. 437-471, 2017.
- HONORATO, Hercules Guimarães; MARCELINO, Aracy Cristina Kenupp Bastos. **A arte de ensinar e a pandemia COVID-19: a visão dos professores**. REDE-Revista Diálogos em Educação ISSN 2675-5742, v. 1, n. 1, p. 208-220, 2020.

JARDIM, Hiáscara Alves Pereira; **A exteriorização da memória pessoal em Nazareth Pacheco.** v. 18 n. 30, 2017.

KAIESKI, Naira; GRINGS, Jacques Andre; FETTER, Shirlei Alexandra. **Um estudo sobre as possibilidades pedagógicas de utilização do WhatsApp.** RENOTE-Revista Novas Tecnologias na Educação, v. 13, n. 2, 2015.

LANA, Raquel Martins et al. **Emergência do novo coronavírus (SARS-CoV-2) e o papel de uma vigilância nacional em saúde oportuna e efetiva.** Cadernos de Saúde Pública, v. 36, p. e000120, 2020.

LESSA, Helena Thofehrn. **Aulas de dança em tempos de pandemia:(oscil) ações de uma professora-artista.** Incomum Revista, v. 1, n. 2, 2020.

LÜDKE, M., ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: E.P.U., 1986.

MADEIRA, Raquel Raso Rodrigues Pinto. **Dança e Internet-conectividade e participação na criação coreográfica.** 2019. Tese de Doutorado.

MELO, Leylla Raissa Sampaio. **Um outro olhar sobre a dança: o gesto como comunicação e objeto de corporeidade, a partir da expressão artística da dança dos bailarinos não-videntes do projeto “Passos para Luz”.** In: III Congresso Norte-brasileiro de Ciências do Esporte. 2012.

MINAYO, M. C. S. (2008). **O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde.** (11a ed.). São Paulo: Hucitec. 96.

OLIVEIRA, Felipe HENRIQUE MONTEIRO. **CORPOS DIFERENCIADOS EM PERFORMANCE: Corpo, Diferença e Artivismo.** Cadernos do GIPE-CIT, n. 41, p. 17, 2018

PORPINO, Karenine de Oliveira. **Dança é educação: interfaces entre corporeidade e estética.** 2018.

SALVETTI JUNIOR, Paulo Roberto. **Percursos para a construção do corpo em trânsito.** 2010.

SCHULZE, Guilherme Barbosa. Um olhar sobre videodança em dimensões. **Anais ABRACE**, v. 11, n. 1, 2010.

SCHULZE, Guilherme Barbosa. Videodança: uma proposta de formação. **III ENCONTRO INTERNACIONAL SOBRE EDUCAÇÃO ARTÍSTICA**, p. 276-280, 2014

SILVA, Aila Regina da. **Proibido tocar, permitido dançar: dança e mediação no museu de arte contemporânea.** 2017. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo

SOUZA, Virginia Lais. **Deficiências: Pensando Espaços entre Dança e Terapia.** R. FACED, n.16. Salvador, 2009.

SPERLING, David M. **Corpo + Arte = Arquitetura. Proposições de Hélio Oiticica e Lygia Clark.** Revista Concinnitas, v. 1, n. 26, p. 18-35, 2015

STRATICO, Fernando A. **A relação corpo/objeto e o discurso poético das proposições de Lygia Clark.** Revista: Estúdio, v. 3, n. 5, p. 142-147, 2012.

TEIXEIRA, Carolina. **A cultura da acessibilidade: Desafios à produção artística brasileira.** Revista do Centro de Pesquisa e Formação SESC SP, n. 06, 2018.

TOBAR, Frederico; YALOUR, Margot Romano. **Como fazer teses em saúde pública: conselhos e ideias para formular projetos e redigir teses e informes de pesquisas.** In: Como fazer teses em saúde pública: conselhos e ideias para formular projetos e redigir teses e informes de pesquisas. 2001. p. 172-172.

VELHO, Lucas Reis. **Diversos corpos dançantes: processos metodológicos e criação artística 2015/2.** 2017.

VENDRAMIN, Carla. **Diversas Danças - Diversos Corpos: discursos e práticas da dança no singular e no plural.** Revista do Corpo: Ciências e Artes. Caxias do Sul, v. 1, n. 3, 2013. p. 1-18.

VENDRAMIN, Carla. **Repensando mitos contemporâneos: o Capacitismo.** Simpósio Internacional Repensando Mitos Contemporâneos, 2019.

## APÊNDICE 1 - RELATÓRIO DOS ENCONTROS

17/07

Iniciamos o nosso dia em um encontro com o professor Márcio, às 8h30, para testar as imagens e vídeos na plataforma Zoom. Após encerrar a sala, às 9h15, iniciamos o processo com todo o grupo. Além dos integrantes do projeto, também estavam presentes as professoras do curso de Licenciatura em Dança, Luciana Paludo e Izabela Gavioli e a aluna do curso, Vitória D. Começamos com as apresentações individuais e com o compartilhamento acerca dos objetivos do projeto, seguindo com o vídeo introdutório à artista Lygia Clark. Convidamos os participantes a imergirem no universo da interlocução das artes e já aproveitamos para pedir que trouxessem, no encontro seguinte, materiais diversos para confecção das máscaras sensoriais (para posterior estudo e criação de personagens e movimentos).

Na segunda parte do encontro, realizamos uma vivência de automassagem e descoberta de movimentos na posição sentado, a partir da trilha sonora do filme *Amelie Poulain*. Finalizamos o processo com um vídeo baseado na obra da artista Lygia Clark: “Diálogo de Mãos”. A partir do vídeo, buscávamos retratar, de uma forma sensível e abstrata, um pouco das nossas possibilidades e de nossos horizontes em meio à pandemia e ao contexto de isolamento social. Recebemos um retorno extremamente positivo em nosso grupo de Whatsapp e os participantes se mostraram felizes e engajados a continuarem com os encontros.

24/07

Nosso segundo encontro iniciou com uma percepção corporal, seguida por alongamento leve e exercícios de relaxamento. Foi utilizada uma playlist de MPB instrumental, compartilhada de “Spotify”. Preparamos os nossos corpos para a confecção das máscaras sensoriais baseadas na arte de Lygia Clark. Cada integrante do grupo utilizou um material diferente, construindo lindas máscaras individualizadas para posterior iniciação coreográfica. Enfrentamos algumas dificuldades técnicas vinculadas ao uso da plataforma Zoom, mas conseguimos realizar os nossos objetivos com maestria. Assistimos o vídeo referência do encontro, finalizando-o com um compartilhamento de processos de criação e pequena

coreografia livre a partir da trilha sonora de mpb instrumental (a mesma utilizada no início do dia).

30/07

Nosso terceiro encontro buscou explorar a história das máscaras e suas diversas raízes culturais pelo Brasil e pelo mundo. Assistimos a diversos vídeos e apresentações de dança que separamos previamente pelo Youtube. Na segunda parte do dia, lançamos alguns questionamentos para discutirmos e refletirmos de forma grupal: quais são os objetivos das máscaras; quais emoções elas podem demonstrar; como estamos nos sentindo depois de imergir nessa pesquisa; como expressamos nossas emoções a partir do rosto?

Foram estudados no encontro o universo grego, o japonês, além de imergimos no mundo do carnaval, tanto o brasileiro quanto o europeu. Importante ressaltar que cada um do grupo possui suas preferências e afetos, levando a discussão para as suas áreas de conhecimento.

06/08

Em nosso quarto encontro virtual, imergimos na relação de nossos corpos com as vestíveis. Exploramos a mobilidade nas articulações, utilizando toalhas de banho como ferramenta de apoio. Em seguida, com o auxílio de casacos abertos, experimentamos o movimento de colocar e tirar casaco como ponto de partida para as emoções de raiva, preguiça e felicidade extrema. Esse exercício possibilitou que o grupo visitasse diferentes formas de realizar um mesmo movimento, porém com diferentes expressões, ritmos e trejeitos.

Na segunda parte do encontro, separamos 4 poemas que abordavam, direta ou indiretamente, as máscaras – as quais estão sendo o pano de fundo do projeto, desde o primeiro encontro. Combinamos de cada um escolher um poema e refletir sobre o que ele transmite, trazendo, no encontro seguinte, para o corpo através de uma performance individual. Por fim, contamos com a presença de uma convidada especial, a artista visual Helenice. Ela se apresentou para o grupo e comentou ter se emocionado com a entrega de todos durante todo o período. A artista realizará oficinas de máscaras de papel e cola com o grupo.

13/08

O quinto encontro do grupo foi extremamente especial e sensível. Como combinado na semana anterior, utilizaríamos os poemas trabalhados em aula para a composição de pequenas coreografias e performances. Na primeira parte da reunião, o professor Márcio declamou poema por poema, enquanto o grupo experimentava movimentos e sensações de forma livre e sem filtros. A vivência permitiu uma grande imersão e conexão com o fazer artístico de cada um. Em seguida, um por um, apresentamos nossas criações próprias em tela grande (recurso muito utilizado na plataforma Zoom), bem como os nossos processos criativos. Muito interessante observar a diversidade de formatos nas apresentações. Algumas em silêncio total e absoluto, apenas com os sons do movimento, outras uniam a dança com a declamação dos poemas (mesma pessoa dançava e declamava) e outros dançavam enquanto outra pessoa do grupo declamava. Os exercícios nos fizeram refletir acerca do momento atual em que estamos vivendo, bem como as máscaras que colocamos em nossas vidas.

20/08

O nosso sexto encontro começou de uma forma diferente: com uma oração de proteção aos familiares doentes. Essa ação foi proposta pelos próprios participantes do grupo, visto que na semana, alguns integrantes e seus familiares estavam passando por situações delicadas de saúde. Em seguida, nossa convidada, a artista visual Helenice, explicou como seria a sua oficina de criação de máscaras (técnica de colagem com papê-colé). Inicialmente, o grupo apresentou certa dificuldade com a técnica, porém com o tempo foram se acostumando. Interessante citar que faríamos em conjunto apenas a base, pois a decoração seria de forma individual e em outro momento. No final do encontro, a convidada apresentou diversas fotografias de máscaras antigas e mosaicos, contando um pouco sobre a história por trás das técnicas e as escolhas estéticas ao longo do tempo.

27/08

O nosso sétimo encontro iniciou o processo de improvisação coreográfica a partir de imagens e fotografias. Organizei um Power Point com imagens disparadoras com diferentes

expressões e sentimentos. O desafio do exercício era pensar em uma movimentação que terminasse na pose das fotos apresentadas. As imagens apresentavam emoções como raiva, preguiça, ansiedade e felicidade. Essa dinâmica foi adaptada de uma aula que participei com a professora de Teatro Sofia Schul, em um curso de expressão para bailarinos, durante um festival de dança de folclore israeli. Discutimos a importância da coluna vertebral como parte central de comunicação do corpo.

Na segunda parte do encontro, Helenice retomou a história das máscaras, compartilhando uma série de imagens que representavam as mais diferentes culturas. Por fim, o professor Márcio encerrou as atividades realizando um apanhado geral dos encontros e as diferentes manifestações artísticas que aplicamos à dança ao longo do processo.

03/09

No oitavo encontro, vários integrantes do grupo, incluindo o professor Márcio, não puderam comparecer (por motivos pessoais e de clima, já que havia um temporal e muitos estavam sem luz em suas casas, além de questões de saúde). A atividade consistia em escolher uma fotografia pessoal e compartilhar com o grupo a importância dela para si. Juntamente com outras duas participantes, fizemos uma rodada de trocas acerca das nossas escolhas. Foi um momento de extrema sensibilidade e emoção, levando todas às lágrimas. Por fim, o exercício consistia em escolhermos, de forma conjunta, uma canção para a improvisação de movimentos, propondo uma homenagem às nossas fotos e a tudo que elas representam. As participantes descreveram o encontro como catártico e libertador.

10/09

No nono encontro do projeto, contamos com a presença de quase todo o grupo. O professor Márcio ainda estava afastado por questões de saúde. Iniciamos de um modo novo: a preparação corporal e alongamento foi segmentada entre todos o grupo. Cada um, na sua vez, contribuía com um ou mais exercícios (eu colocava um a um em Spotlight, recurso da plataforma Zoom). Em seguida, realizamos uma retomada do encontro anterior, em que foi combinado previamente com as integrantes Vera e Rosaura, que me auxiliassem na apresentação da dinâmica e assumissem um papel de docência compartilhada. Após a explicação das mesmas, abrimos para os outros participantes apresentarem suas fotografias e

histórias pessoais. Foram momentos extremamente emocionantes, tocando em assuntos sensíveis e importantes para cada um. Finalizamos a vivência com uma prática de improvisação em dança baseada nas emoções que aquele momento despertou em cada um. A ideia consistia em dançarmos uma homenagem à aquelas pessoas e histórias.

17/09

O décimo encontro foi marcado por surpresas positivas. A começar pela entrada de três novas integrantes, as quais descobriram o grupo a partir dos workshops do Instituto Ling ou pelo próprio grupo. Ambas foram recebidas da melhor forma possível e relataram terem se sentido totalmente acolhidas. Além disso, o encontro contou com a presença do Daniel Fagundes e da Laura Bernardes, antigos bolsista e coordenadores do projeto DCD. Laura realizou uma prática de respiração e conscientização acerca dos estados corporais e, em seguida, propôs dinâmicas de improvisação entre os corpos, o espaço e os objetos que nos rodeavam. Ela comentou que a prática era baseada em antigos exercícios conduzidos pela professora Carla Vendramin (antiga coordenadora do grupo). Esse momento foi de suma importância para o meu entendimento acerca das propostas que eram realizadas antigamente. Em seguida, fizemos uma roda de compartilhamento de estados e sentimentos, além de nos apresentarmos para as novas participantes. O encerramento do encontro focou em lembranças positivas de antigas experiências com o DCD, bem como o compartilhamento das propostas atuais. O grupo se surpreendeu com a grande diversidade de experiências artísticas realizadas durante o contexto pandêmico.

24/09

O décimo primeiro encontro do grupo iniciou com uma preparação corporal (“bom-dia corpo”) guiada por mim. Utilizei uma playlist de MPB acústica, que descobri ser uma preferência do grupo. Realizamos uma automassagem, bem como o alongamento das diferentes articulações do corpo. O dia foi marcado pela volta do professor Márcio, que estava afastado por motivos de saúde. Márcio explicou para o grupo que iniciariamos um processo de estudo e análise de vídeo danças para a produção da nossa própria. Nosso objetivo consistia em receber inspirações desses materiais para utilizarmos futuramente em nossa própria criação conjunta.

O primeiro vídeo dança foi Le P'tit Bal (<https://youtu.be/RiKppqPGli4>), o qual foi interessante pois encontramos relações com a estrutura espacial da plataforma Zoom e com o trabalho coreográfico e improvisações que estamos desenvolvendo ao longo das semanas. Seguindo, apresentamos o meu vídeo dança “Triste, Louca ou Má”, realizado em parceria com a artista Ana Keniger (<https://www.instagram.com/tv/CB38cCzBAAb/?igshid=o20he22gf2z8>). Esse processo foi interessante de ser compartilhado por também ser produzido durante a pandemia e gravado na minha própria casa, como faremos com o grupo.

O terceiro vídeo apresentado foi o Teaser do espetáculo “Alice’s no País Adaptado”, produção de Clayton Brasil para a companhia De Rodas para o Ar (<https://youtu.be/eoMrWsQWluo>). A escolha está relacionada com o fato de a companhia ser formada por pessoas com e sem deficiência, com estrutura semelhante ao nosso projeto. Tive a oportunidade de entrevistar o diretor e coreógrafo Clayton Brasil, aprendendo mais sobre os processos de criação da companhia. Encerramos o encontro apresentando a ideia de uma docência compartilhada, ou seja, propomos para o grupo que, para quem tivesse interesse, iniciáramos um processo, a cada encontro, em que um integrante do grupo facilitaria uma prática de dança que possuísse afinidade. Todos adoraram a ideia.

01/10

O décimo segundo encontro do projeto contou novamente com a presença dos antigos bolsistas do grupo, Daniel e Laura. Iniciamos o encontro retomando a conversa acerca da produção do vídeo dança com o grupo. Eu havia pedido para que todos trouxessem lanterna, vela ou algum objeto com luz. A ideia surgiu a partir de um vídeo compartilhado pelo Daniel, o qual compartilhamos no próprio encontro ([https://www.youtube.com/watch?v=O3Dp6EdFRHo&ab\\_channel=ClassicFlicks](https://www.youtube.com/watch?v=O3Dp6EdFRHo&ab_channel=ClassicFlicks)).

Observamos no vídeo o quanto a questão da esperança e paciência poderiam ser relacionadas com o período em que estamos vivendo e que é um desafio manter acesa a chama de cada um (analogia à vela do vídeo). Em seguida, Dani propôs que cada um focasse apenas em si mesmo e que experimentássemos todas as possibilidades que aqueles raios de luz nos transmitiam. Alguns optaram por iluminar diretamente cada parte do corpo, outros deixaram as suas luzes paradas e construíram os movimentos a partir dela. Eu optei também por

experimental o próprio plano de fundo do zoom, com luzes de uma aurora boreal, criando a partir desse cenário. Quando finalizou a música, conversamos sobre os processos de cada um e o grupo comentou que gostaria também de assistir o que os outros estavam explorando. Propus então que pudéssemos repetir o exercício, porém agora focando também nas outras telas e buscando captar o que o outro estava realizando. Finalizamos o encontro com uma foto, em que cada um utilizava seu objeto de luz

08/10

Nosso 13º encontro contou com a presença de um convidado especial: o coreógrafo, bailarino e professor, Marcos Abranches. Eu já havia o entrevistado há duas semanas, em que pude convidá-lo a participar de um momento com o grupo. Iniciamos o encontro com a apresentação do Marcos, o qual contou sobre toda sua formação e entrada no mundo da dança, bem como seu nascimento e sua história a partir da paralisia cerebral. É importante ressaltar que o convidado traz uma política contrária ao termo deficiência, preferindo utilizar a terminologia diferença.

Ele nos contou acerca de sua trajetória como artista, seus projetos e mestres. Assistimos a um pequeno vídeo documentário, escolhido pelo artista, em que ele apresenta o espetáculo “O Canto dos Malditos”, compartilhando sua relação com o autor que inspirou a obra e o universo manicomial ([https://www.youtube.com/watch?v=cs6Rgu\\_ojbg](https://www.youtube.com/watch?v=cs6Rgu_ojbg)) Nesse momento em especial, uma integrante do grupo se sensibilizou com a proposta, já que ela trabalhava há 12 anos como oficina de arte em um hospital psiquiátrico de Porto Alegre. Em seguida, compartilhei uma apresentação de Power Point com fotos escolhidas por Marcos de seus espetáculos mais importantes, como *Corpo sobre Tela*, *O Idiota* e o *Canto dos Malditos*. Ele explicava mais detalhadamente cada obra a partir das imagens apresentadas. Encerramos a tarde com um convite especial para assistirmos a íntegra do espetáculo “O Canto dos Malditos”, em um evento organizado pelo SESC São Paulo, importante parceria de Marcos Abranches.

15/10

O décimo quarto encontro contou com mais uma convidada especial: a professora Bianca, que dá aulas de dança no Clube Social Pertence. Bianca já havia realizado algumas atividades de salsa com o DCD no passado, conhecendo quase todo o grupo atual. Ela iniciou

a prática com exercícios de respiração e reconhecimento do corpo e espaço. Em seguida, ela trabalhou movimentos de pulsão e pulsação dos instrumentos e suas diferenças. A cada música, um instrumento era escolhido para guiar as movimentações. Alguns sons focavam no ritmo interno de cada um, enquanto outros exploravam mais o externo. Por fim, ela propôs um compartilhamento de experiências, em que cada um contasse um pouco sobre o que sentiu durante a dinâmica e com qual instrumento mais se identificou. Importante ressaltar a ludicidade da Bianca e a forma como ela conduz a aula, com tanta energia e afeto. Todos os participantes a elogiaram.

22/10

Nosso décimo quinto encontro contou com a presença de quase todo o grupo, o que foi importante para o nosso objetivo de retomada das atividades desde junho. Iniciamos com um convite especial para o primeiro encontro presencial do ano. A ideia seria realizarmos um amigo secreto, com dança e piquenique, em espaço aberto e com o distanciamento necessário. Propomos que ela seja realizada no dia 10 de dezembro, período anterior ao recesso de Natal e ano novo. Todos ficaram felizes e motivados com a notícia.

Em seguida, a participante Vera conduziu um pequeno alongamento articular, o que foi importante para trabalharmos a autonomia do grupo e o papel de docência compartilhada. Em um terceiro momento, o professor Márcio compartilhou uma fala sucinta acerca dos processos de experimentação do primeiro bloco de encontros e revisitamos o primeiro vídeo do ano: “O Diálogo de Mãos”, da artista base do projeto, Lygia Clark. O vídeo está conectado aos processos de experimentação artística e do próprio enquadramento da plataforma Zoom. Mostramos também um novo vídeo dança, o “Curto-circuito”, que está relacionado aos limites do individual e do coletivo e quais as chaves que nos unem como grupo.

Finalizamos com a proposta que guiará nossa produção final do vídeo dança. A ideia é que, em trios, cada grupo possa utilizar duas semanas para pesquisar, experimentar e por fim, compartilhar seus achados, relacionados a três pilares separadamente: 1) experimentação coreográfica; 2) elementos visuais; 3) elementos sonoros. No encontro do dia 12/11, o nosso desafio será juntar as criações isoladas de cada grupo e já preparar algumas cenas.

29/10

O décimo sexto encontro do grupo iniciou com uma preparação corporal ministrada pela integrante Denise. Ela explicou que a escolha dos exercícios foi baseada nas vivências dela no Grupo Experimental de Dança de Porto Alegre (GED) e que a sequência era semelhante à criada pela professora de dança contemporânea Eva Schul. Denise contou com o auxílio da Júlia, outra integrante do grupo que também participa do GED para a demonstração dos movimentos. Denise comenta também que escolheu a música “Assim sem você”, de Adriana Calcanhoto, pelo significado especial e pela relação com o que ela estava sentindo: a saudade de cada um do grupo. Todos se sensibilizaram com o depoimento e com a música.

Em seguida, colocamos a canção mais uma vez e realizamos um exercício de improvisação coreográfica a partir do sentimento de cada um. Em um segundo momento, o professor Márcio continuou a retomada das atividades de experimentação artística que realizamos ao longo do semestre. Assistimos mais uma vez aos vídeos dos poemas dos autores brasileiros, bem como as performances individuais a partir deles. O grupo adorou rever os registros e comentaram da importância disso nesse momento de pandemia e isolamento social. Finalizamos o encontro perguntando quem gostaria de ficar responsável por iniciar o alongamento da semana que vem. As duas “Julias” se voluntariaram, o que foi uma ótima surpresa, já que elas são as integrantes mais jovens do grupo.

05/11

O décimo sétimo encontro do grupo iniciou com uma preparação corporal ministrada pela integrante Júlia que, assim como Denise, também participa do Grupo Experimental de Dança de Porto Alegre (GED). Julia realizou os movimentos acompanhados por sua mãe, Rosane. Enquanto uma demonstrava o exercício, a outra realizava a descrição. Julia optou por movimentos em posição sentada, para que todos do grupo conseguissem realizá-lo. Em seguida, a nova integrante do grupo, a outra Júlia (Boff) propôs movimentos em pé, focando na mobilidade de coluna e membros superiores.

Em um segundo momento, retomei com o grupo as dinâmicas de nossa pesquisa e criação grupais. Aproveitamos para esclarecer as dúvidas. Com o fim do primeiro link do zoom, combinei com o grupo que ficaria apenas com os integrantes do grupo 3, responsável pela pesquisa de elementos visuais para adicionarmos ao processo do vídeo dança. A escolha foi feita pela maior quantidade de integrantes presentes no encontro. Tivemos um momento de

brainstorming e troca, em que cada um compartilhou os elementos que mais se interessaram no processo e o que mais gostaria de trazer. Referências muito interessantes surgiram, desde pintura corporal, cultura Ubuntu, luzes e sombras e fotografias com a história do grupo. A integrante Tanya ficou responsável por trazer uma prática de dança circular em cadeiras para a semana que vem.

12/11

Sem encontro. Semana de luto, orações e pensamentos à Gessi (antiga integrante do grupo) e aos seus familiares.

19/11

Nosso encontro iniciou com uma prática de dança circular em cadeiras, facilitada pela integrante Tanya. Todo o processo foi muito interessante, uma vez que ela se juntou ao grupo há pouco tempo, já no contexto da pandemia. Tanya iniciou explicando que iríamos desenvolver duas coreografias e que seria necessário utilizarmos uma cadeira de altura compatível com os pés inteiros conectados ao solo. A primeira envolvia diferentes segmentos do corpo, em que com toques gentis e leves, “acordávamos” as regiões dos dedos dos pés (movimento denominado de Mata Borrão), dos joelhos, coxas, ombros, peitoral e topo da cabeça. Já na segunda coreografia, trabalhamos movimentos com os braços, conectando o membro superior à respiração. Ela finalizou a prática explicando que esses exercícios são amplamente utilizados em ambientes com espaços reduzidos, em escolas, em grupos com pessoas com deficiência física e em momentos em que estamos com o nível de ansiedade mais apurado.

Em um segundo momento, conversamos sobre o andamento das pesquisas de cada um dos três grupos de trabalho para a execução do nosso vídeo dança. Compartilhamos novas ideias e apresentamos um pouco os processos de estudo de cada um. Por fim, aproveitei para compartilhar com o grupo o tema do meu TCC e convidá-los para a defesa. Eu já havia contado para eles que faria minha pesquisa sobre a implementação do projeto durante o contexto pandêmico.

26/11

Nosso décimo nono encontro tinha como objetivo o compartilhamento das pesquisas e criações dos três grupos. Denise começou apresentando o grupo do movimento, a partir de slides no PowerPoint criados por ela para auxiliar no entendimento de alguns conceitos importantes. Nele, ela apresentou as diferentes qualidades do movimento e, por fim, apresentou as três criações do grupo. Enviei pelo grupo de WhatsApp as movimentações desenvolvidas por ela e pela Vera. Em seguida, passamos para o grupo dos elementos sonoros, passando a palavra para Laura. A participante comentou que sua escolha estava conectada aos antigos processos coreográficos do grupo, porém adaptado ao contexto que estamos vivendo. Ela compartilhou então, o som escolhido: [https://www.youtube.com/watch?v=fIaWS77B7JE&ab\\_channel=OTeatroM%C3%A1gico](https://www.youtube.com/watch?v=fIaWS77B7JE&ab_channel=OTeatroM%C3%A1gico).

Em seguida, o professor Márcio explicou que havia escolhido uma obra histórica super importante e abrangente, que se relacionava com as propostas de Laura e Tanya: <https://youtu.be/1L993HNAa8M>. Em seguida, Tanya apresentou sua ideia de utilizar os elementos sonoros do nosso cotidiano e da vida de isolamento social. Ela compartilhou um arquivo caseiro que produziu. Já no segundo link, Rosaura iniciou a compartilhando o processo do grupo dos elementos visuais. Ela e Gisele estavam em um ambiente com plantas e jardins, que já estava conectada à proposta do grupo. Além disso, Rô explicou que pensou nos sabonetes como um elemento importante do nosso cotidiano, por questões de higiene e saúde, mas também pela questão do olfato. Beth e Julia Boff apresentaram as diferentes formas de luzes e sombras que conseguiram produzir em suas casas, como as velas, lanternas e luzes coloridas. Por fim, Julia e Rosani apresentaram as ideias da dança com prendedores e da dança com as garrafas pets, ambos elementos do nosso cotidiano.

03/12

Na primeira semana de dezembro, combinamos com o grupo que não teríamos um encontro síncrono com todos na quinta-feira, mas que organizaríamos mentorias individuais para auxiliar nas gravações dos vídeos. Essa proposta foi ótima para que eu pudesse dar uma atenção especial para cada um e acompanhar os processos de criação, além de compartilhar dicas acerca de enquadramento, produção cênica e iluminação.

10/12

Nosso penúltimo encontro do ano tinha como objetivo, o compartilhamento dos vídeos e processos de cada um do grupo. Iniciamos mostrando apenas os vídeos de todos, sem conversarmos sobre eles. Totalizaram 20 vídeos, cada um com suas especificidades, ambientes e elementos visuais. Na segunda parte do encontro, cada um pôde contar como foi o processo de filmagem, bem como suas inspirações, desafios e sensações. O grupo relatou que amou a experiência, por ser tão diferente e enriquecedora, além de pedirem para continuarmos com essa proposta no ano seguinte. Além disso, vários integrantes comentaram que o próprio processo de pesquisa e estudo nos pequenos grupos, foi um grande facilitador para as gravações, já que as inspirações já estavam presentes dentro de cada um. A ideia é que possamos estreitar o videodança ainda no natal.

17/12

Para o último encontro do ano, propusemos ao grupo que cada um pudesse pensar em um desejo para 2021, seja individual, grupal, para as famílias ou global. Além disso, pedimos que cada um criasse um movimento que representasse esse desejo. Dessa forma, começamos o nosso encontro virtual com uma conversa descontraída sobre os planos de cada um para as comemorações de natal e ano novo. Em seguida, Denise pediu para ser a primeira a compartilhar seu desejo. Ela comenta que escolheu um objeto que represente saúde - a pedra quartzo -, já que deseja o fim desse momento delicado de distanciamento social e pandemia. Em seguida, Tanya agradece a todo o grupo pelo acolhimento durante o ano, bem como as trocas e afetos que foram construídos. Ela agradece especialmente à Vera, por ter apresentado o grupo. Tanya escolhe o movimento de gratidão, explicando que ele possui um significado ainda maior, como a união sagrada e profunda de todos em um só. Ainda, vários integrantes do grupo agradecem o carinho e os processos de dança, estudo e compartilhando que vivemos juntos durante o ano. O sentimento de acolhimento, escape positivo e esperança estavam representados no diálogo. Em um segundo momento, eu e o professor Márcio comentamos que além de tudo que fora compartilhado, estávamos muito emocionados com a produção final de composição de videodança pensada e executada pelo grupo. Ela simboliza todo o esforço e o processo que vivenciamos juntos durante 2020. Por fim, nos despedimos com uma improvisação final, a partir da música “Palco”, de Gilberto Gil, e de todo o sentimento de gratidão e felicidade que estávamos sentindo.

24/12

Compartilhamento do videodança, em sua versão final, pelo grupo de WhatsApp do RODACADE. Link: [EXTENSORES - RODACADE](#)



## APÊNDICE 2 - ENTREVISTA COM MARCOS ABRANCHES

21/09/2020 - PLATAFORMA ZOOM

Resumo da entrevista:

- Artista nasceu e viveu a vida toda em São Paulo, capital.
- Primeiro contato com a dança através do padrasto, que trabalhava na Companhia de Dança “Ballet da Cidade de São Paulo”.
- 1999 - grande oportunidade – contato com coreógrafo e futuro parceiro, Sandro Borelli.
- Aprovado para participar do espetáculo baseado no Augusto dos Anjos, de Sandro Borelli.
- Participa da companhia de Sandro de 1999 até 2005, quando pede para sair para se dedicar a seus projetos solo.
- 2005 – começa a estudar contato e improvisação.
- Contato com o projeto Disability.
- 2008 – criação da própria companhia, “Companhia Marcos Abranches”.
- Há 12 anos Marcos possui a sua companhia de dança.
- Hoje em dia Marcos ensaia sua companhia na escola de Sandro Borelli.
- Dançou na Alemanha doze vezes, participando de um espetáculo solo na Ópera de Berlim.
- Espetáculo “Corpo sobre Tela” – paixão pelas artes visuais e pela pintura – o artista cresceu vendo a mãe pintando – projeto apoiado por Sergio Cardoso – inspirado em Francis Bacon.
- O Canto dos Malditos – primeiro trabalho dirigido e estrelado por ele – inspirado na obra de Carrano, que Marcos teve a oportunidade de conhecer.
- Projeto “Fome de Ver” – duo em parceria com sua amiga cadeirante Alessandra – ele afirma a importância de mais duos somente entre pessoas com deficiência.
- “O Idiota”- último projeto solo – baseado na obra de Dostoiévski”.

Entrevista na íntegra:

Rafaela: Oi querido, tudo bem?

Marcos: Oi, tudo bem?

Rafaela: Então, muito obrigada por me receber. Que bom, né, que a gente conseguiu achar esse horário.

Marcos: É verdade, deu certo...

Rafaela: Ah coisa boa. Posso te pedir permissão pra gravar só o áudio? Pro projeto e quem sabe pro tcc. Pra te citar como artista convidado

Marcos: Pode sim.

Rafaela: Então perfeito, brigada. Queria saber de ti. Queria saber um pouco quem tu é, como tu chegou no mundo da dança, pro mundo da arte. Que que te trouxe aqui, me conta um pouco de ti e depois eu te conto um pouco de mim também.. (risos)

Marcos: Na verdade, eu sempre fui muito ligado a arte, né? Então, na verdade eu nasci um artista, desde a gravidez da minha mãe eu já era um artista.

Rafaela: Dançava desde a barriga? (risos)

Marcos: Desde a barriga da minha mãe (risos). Dai eu comecei a me conhecer e a dança através do meu padrasto. Meu padrasto trabalhava na Companhia de Dança, ballet. Ballet da Cidade de São Paulo.

Rafaela: Bah, eu conheço. Já assisti um espetáculo. Em 2017 fui ai pra São Paulo e assisti.

Marcos: Ai que bacana... Ai meu padrasto sempre trabalhou lá e me levou pra assistir alguns espetáculos e festival. Ai eu comecei a ficar apaixonado pela dança.

Rafaela: Ai que lega, desde sempre então. E ah, tu é de São Paulo?

Marcos: Sim, São Paulo capital.

Marcos: tu parece um pouco com a minha irmã.

Rafaela: ah que legal, não conheço ela, mas já curti (risos)

Marcos: Então, quando foi em 1999, eu tive uma grande oportunidade eu conheci o coreógrafo Sandro Borelli.

Rafaela: Ai que legal. Que legal.

Marcos: Ele é considerado um dos melhores coreógrafos de São Paulo, do país. Ele me convidou pra fazer uns testes pra companhia dele. Dai na época ele tava num processo de criação de um espetáculo baseado no Augusto dos Anjos.

Rafaela: Augusto dos Anjos o poeta? Que demais.

Marcos: É. O poeta da Paraíba, né? Augusto dos Anjos. Dai ele me convidou pra participar. Ai eu comecei a ensaiar com o Sandro. Ai quando eu percebi, eu já tava no mundo da arte, o mundo da dança.

Rafaela: Ai que legal. Pegou aqui ó, o passaporte da dança (risos). Que demais.

Marcos: A gente trabalhou juntos cinco anos.

Rafaela: Tu começou em 99 com ele, né?

Marcos: Sim, eu comecei em 99. Ai eu trabalhei com ele até 2005. Quando foi 2005 eu pedi pra sair do grupo que eu gostaria de conhecer outro caminho da dança.

Rafaela: Justo, ter outras experiências, né?

Marcos: Dai eu fui pro mundo do contato e improvisação. Eu conheci o projeto Disability. E ai quando foi em 2008, eu montei a minha própria companhia.

Rafaela: Ai que legal, que chique, muito legal.

Marcos: Faz 12 anos que eu to trabalhando com a minha própria companhia.

Rafaela: Bah, me conta mais da tua companhia. Onde vocês ensaiam? Quem participa? Conta mais.

Marcos: Eu to ensaiando. O mundo deu a volta e eu voltei a trabalhar com o Sandro. Depois de 15, nós voltamos a trabalhar juntos. E ai a gente é uma grande parceira. E afora no momento eu to trabalhando no espaço do Sandro Borelli,

Rafaela: A tua própria companhia ensaia lá?

Marcos: Sim. To aqui inclusive (risos).

Rafaela: Ah que legal, me deixa espiar. (risos). Quando eu for pra SP quero conhecer o espaço de vocês.

Marcos: Dai nesse percurso todo eu recebi alguns convites pra participar de outros projetos, na Europa. Na Alemanha...

Rafaela: Nossa... E tu foi pra lá?

Marcos: Eu já vi 12 vezes pra Alemanha.

Rafaela: Baita parceria. Qual projeto?

Marcos: Na verdade, foram três projetos que eu participei. Um deles foi do diretor da Ópera de Berlim

Rafaela; Nossa, que demais.

Marcos: Na verdade, eu era o único bailarino da Ópera de Berlim.

Rafaela: Único bailarino?

Marcos: Eu fazia uma performance dentro da ópera.

Rafaela: Nossa...Tem vídeo? Quero assistir.

Marcos: Tenho alguns no meu canal de youtube.

Rafaela: Que demais. Vou procurar, te stalkear. (risos)

Marcos: Sim, esse trabalho foi o mais importante da minha vida.

Rafaela: Sim, achei maravilhoso. Tem um outro trabalho teu bem famoso, né? O das telas. Corpo sobre Telas acho.

Marcos: Isso, Corpo sobre Tela. Na verdade, esse projeto sempre foi um sonho de querer pintar. Eu queria pintar, ser pintor de quadros.

Rafaela: Arte desde sempre, então...

Marcos: Dai a minha mãe, quando eu era criança, minha mãe também gostava de pintar. Eu ficava muito tempo assistindo, vendo ela pintando, ne? Isso me marcou muito na minha vida. Dai um dia eu pensei comigo, a minha vontade de pintar e mais, posso misturar a dança com a pintura. Ai eu montei esse projeto. Na época eu tive o apoio do teatro Sérgio Cardoso.

Rafaela: Ai de São Paulo também?

Marcos: Ai o Sérgio Cardoso me deu um espaço pra criar o projeto. Foi quase um ano de processo de criação.

Rafaela: Nossa, muito lega.

Marcos: Mas minha maior descoberta nesse laboratório foi ter conhecido o Francis Bacon.

Rafaela: Francis Bacon o filósofo?

Marcos: Não, o pintor. Francis Bacon é um grande pintor da Irlanda.

Rafaela: vou pesquisar sobre ele.

Marcos: ele foi uma grande artista. Muito conhecido no mundo todo. Eu me apaixonei por ele. Tudo que era normal pra ele, ele ficava louco.

Rafaela: Nem sabe, vi alguns vídeos dessa performance. Na verdade, não só um vídeo, mas uma foto dessa performance tua num ebook. Da Carla Vendramin, que ela fala sobre dança, arte, performance, deficiência... Tu era uma das fotos principais. Uma referência. Foi ai uma das formas que eu te conheci. E a outra forma foi pelo Clayton Brasil. Tu conhece ele? Eu entrevistei ele também. Ele falou que tu é uma das referências dele na dança.

Marcos: Sim, conheço... O Clayton é de Salvador, né?

Rafaela: Na verdade, ele é de São Paulo. A mãe dele, acho que ele comentou, era baiana, mas ele é de São Paulo mesmo.

Marcos: A sim, eu conheci ele lá em Salvador. Ah, não, em Fortaleza.

Rafaela: Num festival de dança?

Marcos: É

Rafaela: Quando eu entrevistei ele, faz duas semanas, ele falou de ti. Ele tava me contando as referências dele na dança. Teu nome foi um dos primeiros a aparecer. Ai eu tive que te procurar, procurei e estamos aqui. (risos).

Marcos: Ah, que legal. (segundos de silêncio). Ai eu tenho quatro projetos. Pra Companhia. Tenho um trabalho que é um trabalho solo, se chama Canto dos Malditos. Que foi meu primeiro trabalho que eu dirigi.

Rafaela: Ah, que legal, muito legal.

Marcos: Inspirado também num livro, o Canto dos Malditos, que foi prum filme brasileiro: O Bicho de Sete Cabeças.

Rafaela: Vou pesquisar todas as referências que tu tá me contando depois.

Marcos: Tu já assistiu o filme “Bicho de sete Cabeças”?

Rafaela: Ainda não, mas vou. Cabeu de botar na minha lista pra assistir depois. Vou assistir sim.

Marcos: É do Rodrigo Santoro. O Rodrigo Santoro ele fez o papel do autor que escreveu este livro, que ele contou toda a história dele dentro de um manicômio.

Rafaela: Muito interessante. Dai tu se baseou nessa história também?

Marcos: Eu também tive uma honra, que pena que ele faleceu, mas eu conheci o autor do livre, ele foi meu amigo. O Carrano. Carrano foi o autor do livro, o Canto do Maldito, que depois virou o filme.

Rafaela: Nossa, que honra, né? Muito legal mesmo.

Marcos: E ai eu consegui criar esse espetáculo em homenagem ao meu amigo também.

Rafaela: Nossa, muito legal. Ai tu tem quatro projetos, o primeiro é esse solo, do Canto Maldito.

Marcos: Depois teu um duo com uma amiga minha, a Alessandra. Ela é cadeirante. Se chama “Forma de Ver”.

Rafaela: Forma de ver?

Marcos: É...

Rafaela: E me conta mais sobre esse duo. Quando vocês começaram a dançar juntos?

Marcos: A Alessandra tem uma deficiência muito perturbada, muito triste assim... A história de vida da Alessandra da pra escrever um livro muito bonito. Eu considero ela como minha filha. Minha filha da dança. Ela foi minha aluna e eu sempre tive um carinho muito forte por ela.

Rafaela: Que bonito isso, de filha da dança...

Marcos: Ela é minha filha dança.

Rafaela: E o que vocês dançam? Qual a temática?

Marcos: 80 por cento do trabalho é contato e improvisação. Dai tem toda uma história que a gente conta da nossa relação. Porque eu sempre ficava muito invocado quando tinha trabalho coletivo e nunca tinha uma pessoa com deficiência dançando com uma outra pessoa com deficiência. É muito raro.

Rafaela: Sim, muito raro, né?

Marcos: Ai eu queria provar pra todo mundo que nós somos capazes sim de fazer um trabalho sem a participação de pessoas, entre aspas, normais, sabe?

Rafaela: Com certeza...Inclusive, eu tava lendo sobre isso, porque eu to escrevendo meu TCC. Exatamente sobre o meu projeto, que vo te contar um pouco depois, que é de dança pra pessoas com deficiência. Com e sem deficiência...E isso que tu falou é muito verdade, a gente costuma ver duos com uma pessoa com deficiência e a outra sem. Então acho maravilhoso vocês fazerem esse trabalho, além de artístico, ele é ativista. (pausa para respiro). Vou querer assistir vídeos. Tu que vocês tiverem, pode me mandar, que vou amar ver.

Marcos: Eu vou te mandar. Vou te mandar uma entrevista da Alessandra também, é muito emocionante.

Rafaela: Vou amar, amar receber. Então, foram dois... Que mais tu me conta dos projetos? Porque nossa, tu é artista completo, coreógrafo, bailarino, professor...

Marcos: É... O meu recente trabalho, meu último trabalho é “O Idiota”

Rafaela: Bah, eu vi algo sobre ele. No insta, acho...Apareceu algo sobre esse “O Idiota”.

Marcos: Ele começou faz dois anos. Nesse processo de criação e ficou pronto agora, no começo do ano. Ele é inspirado no livro “O idiota”, do russo Dostoiévski”.

Rafaela: Sim, esse mesmo que ouvi. Acho que foi um flyer, algo escrito. É um solo?]

Marcos: Sim, trabalho solo.

Rafaela: Ainda consigo ver? Já acabou?

Marcos: Ai que pena, ficou em temporada virtual em um mês, em agosto. Foi muito bacana.

Rafaela: Não acredito que não vi, que pena.

Marcos: Mas não vão faltar oportunidades. E agora, me conta um pouco de você...

Rafaela: Vou contar...Então, eu sou de Porto Alegre, da UFRGS. Sou do sul estudo na federal daqui, eu estudo dança, licenciatura em dança. Dai eu sou bolsista do projeto de extensão “Roda de Conversas e Ações Artísticas e Culturais em Artes e Deficiências”. Ele é derivado do Diversos Corpos Dançantes, não sei se tu já ouviu falar.

Marcos: Sim, já ouvi falar.

Rafaela: Ele é derivado desse grupo. Então eu comecei agora na pandemia, em junho com eles. A gente faz encontro toda semana, pelo zoom. A gente teve que se adaptar, como o mundo inteiro. Fomos pro virtual. A gente busca, a cada encontro, explorar alguma manifestação artística e relacionar com a dança, com o corpo. Por exemplo, tu me falou que adora pintar, né...Das artes visuais. A gente trabalhou muito as artes visuais, a gente fez máscaras sensoriais, trabalhou a Lygia Clark. A gente construiu, a gente pintou...A gente fez toda parte artística e depois já passou pro corpo. Então, a gente trabalhou a fotografia, as artes visuais, o cinema, os poemas, várias outras artes aplicando a dança. É um projeto bem bonito, que a gente estuda bastante.

Marcos: Sim. Que legal...

Rafaela: Tu tinha falado do contato e improvisação, né? No presencial, era um grupo que trabalhava muito com isso. Lá também temos pessoas cadeirantes, muletantes, pessoas sem deficiência também. A maioria das pessoas são mais velhas, dos sessenta pra cima...

Marcos: Que maravilha!

Rafaela: Um dia, se tu quiser vir conversar com o grupo sobre teus projetos, como artista convidado, tá mais do que convidado...Já fica o convite. (risos)

Marcos: Opa, brigado viu. Vai ser uma grande honra.

Rafaela: Ai, a honra vai ser toda minha. Já tá sendo de saber um pouco mais sobre ti. E como eu cheguei em ti então...Meu TCC, vou fazer meu trabalho sobre a implementação desse projeto de dança pra pessoas com deficiência nesse modelo virtual, né. Porque assim, é super desafiador pra todo mundo, né. A pandemia já é difícil pra todo mundo. Por si só (risos).

Marcos: Pô..demais.

Rafaela: E eu queria então, das pessoas do meu grupo, do projeto, e de artistas de fora, né...Que não necessariamente moram em Porto Alegre, que tem uma visão externa. Que não conhecem o grupo tão de perto. E tu foi um dos artistas, coreógrafos, professores, que mais me surgiu assim, que pudesse ter a tua participação, a tua visão, enfim...Já fica o convite pra participar, pra ser nosso artista convidado e como visão do meu TCC. (risos)

Marcos: E é uma vez por semana, ou é duas?

Rafaela: A gente faz os encontros da bolsa uma vez por semana, nas quintas...Às duas e meia.

Marcos: Quinta, ta. Quinta é um bom dia.

Rafaela: Ah que bom...Então, assim, agora, a gente tá num projeto que a gente quer fazer um videodança.

Marcos: Ah, que chique!

Rafaela: Então a gente tá se preparando pra isso. Acho que vai levar mais umas duas semanas ainda. Dai quem sabe, daqui há três semanas, tu pode vir conversar com eles, com a gente...Dançar com a gente, talvez até propor alguma prática, não sei, dai a gente pode construir juntos...

Marcos: Ta. Eu posso já entrar? Na quinta-feira mesmo? Pra eu ver.

Rafaela: Eu vou conversar com o meu coordenador. Mas por mim, com certeza. Por mim pode. (risos)

Marcos: Oba!

Rafaela: Mas eu preciso pedir autorização pra ele. Porque o grupo normalmente é um grupo fechado.

Marcos: Quem que é o coordenador?

Rafaela: Márcio Pizarro Noronha, professor daqui, não sei se tu conhece ele...

Marcos: Não, mas com certeza eu vou conhecer (risos)

Rafaela: Isso é certo. Agora vai conhecer. (risos) Ele é meu orientador também, do TCC. Essa quinta, a gente vai analisar, vai ser um encontro um pouco mais teórico. A gente vai analisar alguns videodanças. Estudar eles. E é um oportunidade bem legal, né? Correr atrás de conteúdo, nos capacitarmos.

Marcos: Eu sempre notei assim, que as pessoas com qualquer tipo de deficiência começam a ter um outro olhar do público, sabe? Essa é a minha maior missão de vida, sabe? Porque até hoje, tem muito trabalho...Vou ser bem sincero com você, tem muito trabalho muito careta. Ficam, ai que bonitinho, olha que bonitinho... Eu odeio essa palavra, bonitinho...

Rafaela: Eu também. Chama do que quiser, mas não chama de bonitinho. Concordo, concordo muito.

Marcos: Quando se fala, vai ter um espetáculo de um artista com deficiência, o público que é convidado, ele já vai com o olhar totalmente diferente. E aí quando ele chega no nosso espetáculo, ele achava que ia ver um trabalho de: ai coitado, ai que bonitinho, mas não. Meu trabalho sempre foi muito forte, muito verdadeiro, muito político.

Rafaela: O Clayton me falou muito isso sobre ti. O trabalho do Marcos não é: ai, vamos chorar, que bonitinho, não...é impacto, é força. Tu vai se emocionar por essa força. Vai tocar na tua alma de tão forte que é.

Marcos: Mas eu já passei por muita coisa, sabe? A experiência no mundo da arte me trouxe essa formação. Me ensinou a lutar a pelo preconceito, pelo olhar das pessoas. Então é por isso que eu gosto muito, não é de chocar as pessoas, mas é de dizer que somos artistas como pessoas que não tivessem alguma deficiência também.

Rafaela: E deixa que te fazer uma pergunta. No teu trabalho, tu costuma falar da deficiência?

Marcos: Não, não. Esse vocabulário não. Tenho um grande orgulho da minha vida de ter nascido diferente. Talvez se eu não tivesse a minha deficiência, eu não seria um artista.

Rafaela: Muito legal isso que ta falando, porque a tua arte é a tua arte, né? Tu até falou que desde a barriga da tua mãe tu já era artista.

Marcos: O meu corpo foi feito pra fazer arte.

Rafaela: Que coisa boa a gente saber o que a gente ama, a gente saber nosso lugar. Eu não sei quem eu seria sem a dança na minha vida. Não sei. Acho que uma parte de mim taria faltando, é onde eu me encontro. É o que faz ser quem a gente é.

Marcos: Com certeza. Isso sempre foi a minha luta, de mostrar pras pessoas que as pessoas com algum tipo de diferença são capazes de fazer o que gostam.

Rafaela: É isso. Com certeza. Que privilégio poder te ouvir. Ter um artista como tu. Muito obrigada por ter compartilhado um pouco do teu trajeto, da tua arte. Espero que tu consiga participar com a gente quinta mesmo, vai ser um prazer.

Marcos: Muito obrigado. Eu gostaria muito de conhecer Porto Alegre. Mas você torce pro grêmio ou pro internacional? (risos)

Rafaela: Não me julga. (risos) Mas pra nenhum dos dois. Não sou muito de futebol. Mas se um dia tu vier pra Porto Alegre, posso te levar nos dois estádios.

Marcos: Oba! Quero muito conhecer o Olímpico. Legal. Olha, deixa melhor essa pandemia e daí a gente combina. Gosto muito de participar, de fazer palestra, conversar. Gosto de dar aula, oficinas. Todo ano, aqui em São Paulo, eu tenho uma parceira com a escola SP de Teatro. Todo ano a gente sempre faz oficinas juntos, eu adoro dar aula, eu adoro ensinar para o próximo, sabe? Para que as pessoas nunca desistam dos seus sonhos.

Rafaela: Maravilhoso, maravilhoso, maravilhoso. Por isso que eu amaria te receber no projeto. Te ter lá, ter tua arte, vai ser incrível. Uma troca muito especial pra todos nós.